

Páginas

ANO 41 • nº 65 • 2016



Abertas



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O DESAFIO DA ESCOLA PARA SEMEAR O FUTURO

Entrevista

Marco Haurélio, o colecionador de histórias do sertão, conta sobre seus encontros com acalantos, cantigas e literatura de cordel

Cultura

Entre objetos, construções e memórias, o Museu Imperial conta a sua própria história

A young boy with a backpack is sitting on a grey rock, reading a book. The background is a whimsical space scene with a blue sky, yellow stars, a yellow planet with a ring, and a yellow sun. The boy is wearing a blue and black striped shirt and dark jeans. The overall style is illustrative and child-friendly.

*"NUM MUNDO QUE SE FAZ DESERTO,
TEMOS SEDE DE ENCONTRAR UM AMIGO"*
Antoine de Saint-Exupéry



O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry

A história você já conhece: um piloto cai com seu avião no deserto e encontra um frágil menino, que diz ter vindo de um pequeno planeta distante. Passando um tempo juntos, os dois repensam os seus valores e encontram o sentido da vida. A PAULUS Editora republica um dos maiores clássicos da literatura mundial, adorada por leitores de todas as idades, com tradução assinada pelo padre Luiz Miguel Duarte e aquarelas do próprio autor.

DEIXE-SE CATIVAR POR ESTA GRANDE OBRA-PRIMA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL!

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS

06 Entrevista

Literatura de cordel:

O aprendizado com a alma do povo

Caminhando pela literatura de cordel, Marco Haurélio percorreu o sertão baiano colecionando histórias, cantigas, livros, acalantos e rezas. Ao crescer, continua a divulgar a mesma cultura popular que o cativou. Na entrevista, o escritor, professor e consultor da TV Globo para uma telenovela sobre o rio São Francisco conta mais sobre a cultura popular.

16 Didática

O escritor, compositor e jornalista Jorge Fernando dos Santos escreve sobre a sua paixão pelos livros.

18 Saúde

Os caminhos da depressão

Até 40% dos professores afastados de suas atividades por problemas de saúde apresentam depressão, segundo dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Saiba como se prevenir.

22 Tecnologia

Como as ferramentas digitais podem transformar o ensino da língua inglesa?

26 Cultura

Uma viagem pelo Museu Imperial em Petrópolis (RJ), com suas atividades escolares ajuda a entender melhor a nossa história.

30 Social

Escola rural

Como vai o ensino na zona rural e no campo? Conheça mais sobre as escolas e os desafios do ensino distante dos grandes centros.

11

A escola e o meio ambiente

Como formar alunos mais responsáveis e conscientes? Qual o papel da escola e dos alunos em busca de um mundo melhor? Saiba o que diz o jornalista, escritor e ambientalista Vilmar Berna sobre a escola, meio ambiente e o desastre em Minas Gerais. Conheça também alguns projetos desenvolvidos por escolas nesse segmento.

20 Reflexão

A participação da família na escola, por Alexandre Carvalho

21 Pensamentos

Sim, eu preciso de você... por Claudiano Avelino

24 Filosofia

Ética: a partilha como propósito! por Mario Sergio Cortella

29 Literatura

O menino urbano, por Antonio Iraldo Alves de Brito

32 Li, Gostei e Recomendo!

Três tempos nos estudos da Comunicação no Brasil por Isabel Jungk

34 Sala de Aula

Biblioteca aplicada ao ensino, por Suellen Santos de Araújo

36 Páginas Abertas Indica

Filosofia, literatura infantojuvenil, comunicação e contos estão entre as atrações de leitura

38 Crônica

Tempos modernos... por Douglas Tufano

Encarte Especial Formação de Professor

O suplemento apresenta o livro *O sonho de Karim*, de Veruschka Guerra. A história é contada somente com imagens, que remetem ao sonho de uma jovem no oriente. O projeto pedagógico é de Beatriz Tavares de Souza e oferece a oportunidade de trabalhar processos cognitivos, além de leitura interpretativa.

CAPA

Páginas *Abertas*

Ano 41 - nº 65 - 2016
Janeiro - Fevereiro - Março
ISSN 1414 - 4638

Diretor Presidente
Luiz Miguel Duarte

Diretor-geral
Paulo Bazaglia

Diretor de Difusão
Mario Nahuelpán López

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Alexandre Carvalho; Antonio Iraldo Alves de Brito;
Dílvia Ludvichak; Erivaldo Dantas
e Marcelo Balbino

Direção de Arte
Samuel Lima

Diagramação
Rafael Luzio Rodrigues e Raquel Cardoso

Reportagem
Cleane Santos e Marcelo Balbino

Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Isabela Talarico

Colaboradores
Alexandre Carvalho; Antonio Iraldo; Beatriz
Tavares de Souza; Claudiano Avelino; Douglas
Tufano; Isabel Jungk; Jorge Fernando dos Santos;
Mario Sergio Cortella e Suellen Santos de Araújo.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

**A assinatura da revista
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.
Para mais informações,
ligue: (11) 3789-4000**

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



Editorial

Seguindo pelo caminho da aprendizagem

Mais um ano e aqui vamos nós, pelo caminho já anunciado das previsões. Ano difícil, retração na economia, corte de gastos, reaproveitamento. Mais 12 meses para tocarmos as coisas para frente, sempre com otimismo, esperança e com as lições de todos os dias.

Por falar em educação, este número de Páginas Abertas aborda a questão do meio ambiente e a escola. Afinal, muito se falou da Conferência do Clima (COP 21), mas e agora? Como transformar protocolos, reuniões internacionais e holofotes em metas concretas e resultados? Em busca de respostas, entrevistamos o jornalista, escritor e ambientalista Vilmar Berna, único brasileiro a receber, em 1999, no Japão, o Prêmio Global 500 para o Meio Ambiente, reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU). O especialista nos deu dicas sobre educação ambiental e escola, comentou sobre o desastre da mineradora em Minas Gerais e anunciou planos futuros.

Sobre futuro também é nossa matéria de tecnologia, que traz exemplos do ensino de idioma online. Escolas e professores comentam as vantagens e os desafios do ensino a distância.

No caminho para o outro lado, o do passado, também é possível aprender muito com a história, sobretudo se o tema for o Segundo Reinado da corte no Brasil – tema principal do Museu Imperial de Petrópolis (RJ). Conheça um pouco do acervo, das atividades especiais desenvolvidas para escolas e veja como a arquitetura, salas e objetos podem contar muito sobre o passado.

Ainda sobre cultura, a entrevista da edição traz um papo pra lá de animado com o professor Marco Haurélio, homem que saiu do sertão baiano para a Rede Globo, conduzido pela literatura de cordel. Conheça todas as histórias desse colecionador de contos do sertão e do folclore, em seus encontros com pessoas, cantigas, livros, acalantos e rezas.

No caminho do sertão, conheça mais sobre as chamadas escolas rurais. O que caracteriza uma instituição com esse nome? Quais são as diferenças entre a escola rural e a escola do campo? Os professores vão contar tudo nas próximas páginas.

Além dos nossos queridos e dedicados colunistas de todas as edições, acrescentamos um artigo do escritor, compositor e jornalista Jorge Fernando dos Santos. O tema não poderia ser mais oportuno: a sua paixão pelos livros, assunto que muitos irão compartilhar.

Mais uma edição feita com muitas novidades e grande carinho para você.

Uma ótima leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas.

LITERATURA DE CORDEL:

o aprendizado com a alma do povo

Quando pequeno, no sertão baiano, o professor Marco Haurélio conheceu pessoas, cantigas, livros, rezas e soube manter e propagar a chama da cultura popular que o cativou. Como escritor, publicou *Contos folclóricos brasileiros* (PAULLUS), *A lenda do Saci-Pererê em cordel* (PAULLUS), entre muitos outros. Atualmente faz consultoria para a próxima telenovela da rede Globo, sobre o rio São Francisco.

A seguir, um pouco mais dessa trajetória e de tantos outros assuntos populares e preciosos.



Divulgação

Qual é a sua formação e seu trabalho atual?

Sou graduado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, localizado em Caetité. Atualmente, presto consultoria para a telenovela *Velho Chico*, de autoria de Edmara Barbosa e Bruno Barbosa Lupieri, supervisionada por Benedito Ruy Barbosa, da rede Globo, que irá ao ar ano que vem. Faço palestras e ministro oficinas sobre cordel, cultura popular, mitologia e outros temas.

Como foi o seu encontro com os livros?

Na localidade de Ponta da Serra, no sertão baiano, onde nasci, o meu pai, Valdi Fernandes, apesar das dificuldades, sempre fez questão de ter alguns livros na estante. Lembro-me bem de uma coleção de Machado de Assis, versões adaptadas

de *As Viagens de Gulliver* e *Ali-Babá e os Quarenta Ladrões*, um volume de contos de fadas, além dos folhetos de cordel. Outros livros de que me lembro são *Lucíola*, de José de Alencar, *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e *Os Pastores da Noite*, de Jorge Amado. Não os lia ainda, óbvio, mas ouvia minha mãe, Maria, contar detalhes das histórias. Lembro-me ainda de ter lido um livro chamado *Histórias da História do Mundo*, que chamou minha atenção a partir do título. Havia ainda uma antologia de poemas de Castro Alves, autor que sempre me cativou. Aos 13 anos, vieram as epopeias homéricas, *Ilíada* e *Odisseia* e, em seguida, Júlio Verne.

Os livros vieram ao mesmo tempo que as brincadeiras e o folclore em sua vida?

Sim. Num momento, eu estava lendo

uma coletânea de contos de fadas e, em seguida, ia brincar de boca-de-forno ou pega-ladrão. Também brincava muito de roda. O mais interessante é que essa brincadeira envolvia meninos e meninas e, além das cirandas e romances cantados, a gente precisava ter um vasto repertório de quadras populares, pois quem não soubesse “um verso bem bonito” saía da brincadeira.

Como foi o contato com o folclore na sua infância? Veio pela escola ou fora dela, na rua ou com a família, por exemplo?

Nasci, como disse acima, numa localidade rural. A casa em que nasci era, como dizemos na Bahia, parede e meia com a de minha avó Luzia Josefina. Então, sempre que dava eu escapulia para a casa dela para ouvi-la contar histórias ou ler os folhetos de cordel de sua coleção. Ela também conhecia muitas cantigas, benditos, acalantos e rezas. Era uma enciclopédia de sabença e somente depois de muito tempo me dei conta disso. No meio em que vivíamos, tudo era tão natural que eu nem sequer imaginava que aquilo fizesse parte do repertório imemorial e imaterial das tradições populares. Sou, nesse sentido, um afortunado por ter vivenciado tudo isso.

De onde surgiu a paixão pela literatura de cordel?

Também vem da minha meninice passada parte na Ponta da Serra e parte na cidade de Igaporã, sertão da Bahia. Além do vasto acervo que minha avó deixou, havia os folhetos que meu pai trazia da feira de Bom Jesus da Lapa, todo sábado. Ele era produtor rural e comerciante e saía toda sexta para “pegar” a feira na Lapa, cidade famosa por abrigar a mais antiga romaria

do país. Lá, ele vendia requieirão, bebidas e tijolos (doces feitos em tachos e embalados). Na volta, ele trazia, religiosamente, todo sábado, dois folhetos. Eu já havia lido muitos clássicos e, aos sete anos de idade, sabia de cor alguns, a exemplo de *João Soldado*, de Antônio Teodoro dos Santos, e *Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros. Nessa época, eu já arriscava meus versos, lidos ou declamados nas cozinhas das casas da roça, incluindo a de meu avô materno Florisvaldo, em dias de festa, como as de junho e as de fim de ano.

Na sua visão, como a escola pode tratar do tema do folclore?

Da forma mais espontânea possível, evitando os estereótipos e propondo, sempre que possível, brincadeiras, rodas de histórias e peças baseadas nos autos tradicionais. Se possível, deve incentivar os alunos a pesquisar entre os familiares se eles conhecem histórias, cantigas ou brincadeiras, ditos populares, adivinhas, receitas etc., estabelecendo um vínculo direto com a tradição.

É possível relacionar folclore e literatura de cordel em sala de aula?

Sim, como é possível relacionar literatura de cordel a qualquer disciplina. Deve-se, contudo, evitar incluir o cordel no rol das manifestações folclóricas, já que uma das características do fato folclórico é o anonimato ou a “tradicionalização”. A literatura de cordel, via de regra, tem autores conhecidos, embora dialogue com a cultura popular, seja pela sua origem e difusão, ligada às feiras populares e às festas tradicionais, seja pelos temas que aborda, muitos deles originários dos contos populares.

A utilização do folclore em sala de aula pode acontecer em qualquer escola, com qualquer equipe, ou existe algum requisito inicial?

Não creio que devam existir requisitos iniciais, apenas os cuidados para não isolar o folclore da prática cotidiana. Quando damos um sinal de “positivo”, com o polegar para cima, repetimos um gesto muito antigo. Muitos desconhecem a sua origem, mas repetem, automaticamente, o mesmo gesto com que o imperador romano livrava da morte um gladiador nos sangrentos espetáculos do império. O indicador levado à boca, pedindo silêncio; o puxão de orelha, posto em prática ou evocado, significando repreensão; o sinal-da-Cruz feito pelo jogador de futebol ou por alguém a bordo de um avião – todos esses gestos são provas de que o folclore não é algo descolado da vida, mas, sim, a própria vida no que ela tem de grandioso e de patético, de belo e de assustador.

Como motivar as crianças a se envolver nas antigas brincadeiras de rua diante do apelo das novas tecnologias?

É um desafio. Hoje, as crianças passam mais tempo na escola, envolvidas com jogos ou em frente à TV. Creio que a escola seja o espaço ideal para as brincadeiras, mas isso não exime os pais da sua responsabilidade, seja na contenção do ímpeto consumista, diante de tantos estímulos e de propagandas que, quase sempre, desrespeitam quaisquer códigos de ética, seja como parceiros nas brincadeiras e rodas de histórias. Mas sem demonizar a tecnologia, contrapondo-a à tradição, afinal, nossos filhos vivem o “tempo deles”.

As novas tecnologias também podem ser utilizadas como propagadoras do folclore? Como se dá essa interação na sua visão?

Com certeza. Eu mesmo busco no YouTube vídeos com cantigas de roda, cantos de trabalho, acalantos, contos tradicionais. Descobri, por causa da internet, muitos cantos populares de Portugal e da Galícia, que, em outros tempos, estariam quase inacessíveis. É preciso que as crianças, hoje, diante de tantos estímulos, tenham acesso também às coisas que, na falta de um termo mais adequado, podemos chamar de essenciais. Que tenham direito à imaginação e ao sonho.

Como foi escrever as suas obras sobre contos folclóricos e personagens? Como reunir tantas ideias e imaginação?

Muitos dos contos que integram o livro *Contos Folclóricos Brasileiros* fazem parte de minha infância, entre eles “Belisfronte”, “Cara de Pau”, “Guime e Guimar”, “A Mentirosa”, “José e Maria”, “Maria Borradeira”, lembrados por meu pai Valdi, minha tia Isaulite (Lili) ou Jacinto Farias (Jacintinho), primo de meu pai e cunhado de minha tia. Os demais foram recolhidos, como eu disse no prefácio da obra, da fonte mais pura, ou seja, da memória popular. Tive a sorte de ter conhecido duas contadoras extraor-

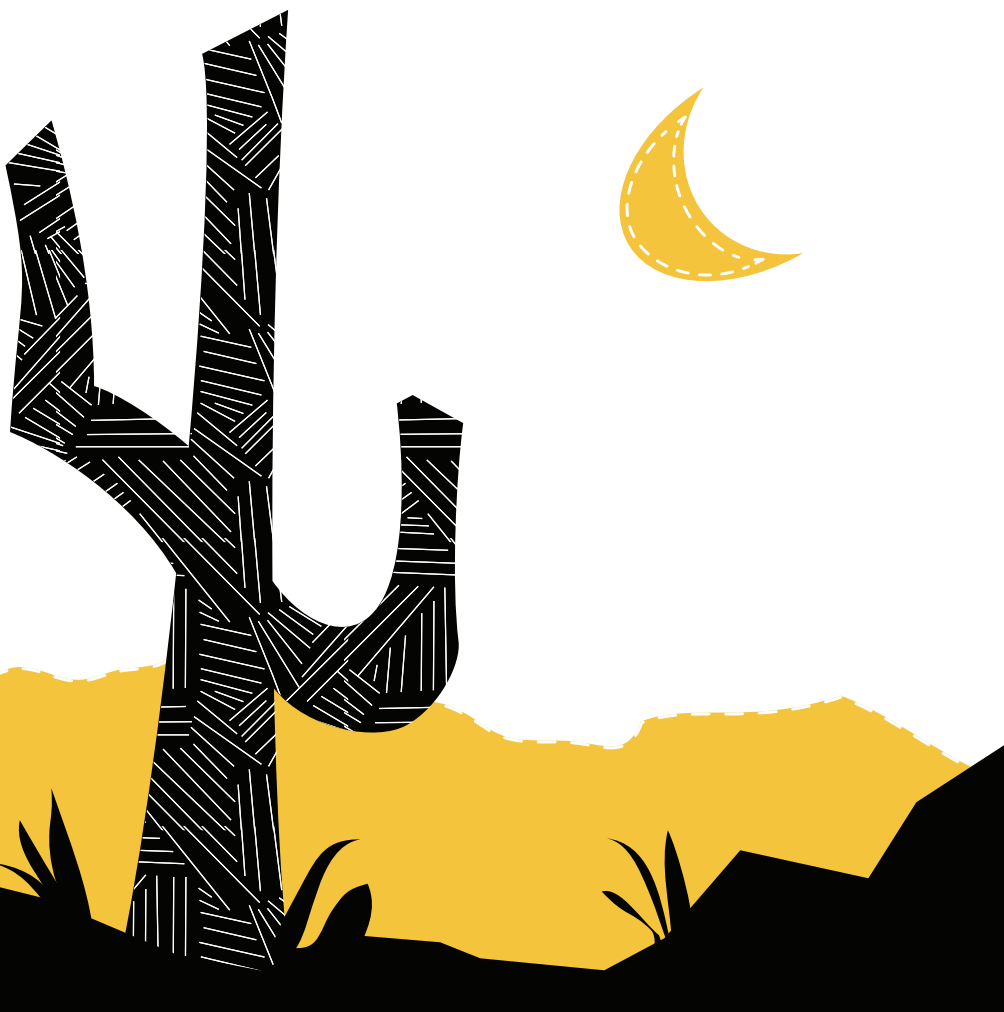
dinárias: dona Jesuína Pereira Magalhães, de Igaporã, e Dona Maria Rosa Fróes, de Brumado. Na época da recolha, 2005, a primeira tinha 90 anos e a segunda, 89. As duas nos deixaram recentemente, mas ainda tenho as fitas magnéticas nas quais registrei suas narrações. Sempre que ouço, é impossível conter a emoção. Para estruturar o livro, eu apenas alinhava as ideias e convidei os personagens para uma viagem pelas páginas do livro, alertando-os, antes, que, assim, eles reviveriam em outras vozes. Afinal, os contos tradicionais, Heinrich Zimmer já dizia, são “o alimento espiritual dos povos”.

De que forma o professor pode utilizar os seus livros em sala de aula?

Não sou muito de passar receitas, mas acho que a leitura dos contos e cordéis deva preceder qualquer trabalho. Aprendemos a gostar das histórias e dos cordéis porque ouvimos alguém lendo ou narrando. Daí vem o encantamento, estabelece-se um vínculo afetivo, facilitando as futuras atividades. Costumo dizer que minha obra tem sido tão acarinhada porque é, ao mesmo tempo, letra e voz, memória e afetividade.

Na sua visão, a partir de quando (idade, série) e em que disciplina o tema do folclore pode ser utilizado no processo de aprendizagem?

Creio que desde o início. A gente vem ao mundo embalada pela poesia (acalantos) e se despede dele também com poesia (incelências). Parlendas, cantigas e pequenas histórias devem ser apresentadas aos pequenos, assim como as brincadeiras e jogos mnemônicos. A princípio, podemos pensar que o fol-



clore está mais próximo da língua portuguesa, mas as adivinhas e parlendas, os jogos mnemônicos, as brincadeiras que envolvem raciocínio lógico e atividades físicas também podem fazer parte das aulas de matemática, educação artística, educação física etc.

As grades curriculares utilizam o folclore em sala de aula? Qual é a sua percepção atual? O tema ganhou importância ou tem sido esquecido?

Sim, mas, muitas vezes, o grosso das atividades só se dá no mês de agosto, o que, a meu ver, é um equívoco. As pessoas, sem entenderem que o folclore é algo dinâmico, imaginam que muitas tradições estejam em vias de desaparecer e não em processo de transformação. A escola precisa ser reconhecida, e se reconhecer, como um território do brincar, mas jamais deve ser elevada à tábua de salvação de qualquer tradição popular ou manifestação artística. Nenhuma manifestação tradicional sobreviverá por decreto. É preciso, sim, a salvaguarda, sem usurpar o protagonismo dos grupos tradicionais. O grande guardião do folclore é e será sempre o povo.

O senhor ainda se depara com crianças brincando de amarelinha, peão, barra-manteiga, peteca, por exemplo?

O Brasil é muito grande e, a depender do lugar, as brincadeiras mudam de nome. Ainda me deparo, sim, com crianças brincando de amarelinha, peteca, peão, de pega-pega (que eu conheci como “pega-ladrão”), de balança-caixão etc. Menos comuns são as brincadeiras de roda e os jogos mnemônicos (as observações que faço aqui são todas subjetivas) e as narrações de histórias tradicionais.

Na sua visão, qual é a importância dessas atividades e brincadeiras de rua e a sua relação com a escola?

A rua hoje, seja nas grandes, seja nas pequenas cidades, tornou-se um espaço particularmente perigoso. Até mesmo o futebol de rua está em vias de desaparecer. Vejo com preocupação a ausência de espaços para brincar nas áreas urbanas, e isso contribui para que tenhamos uma grande expectativa em relação à escola. Esse modelo de cidade, para o bem de nossas crianças, precisa ser revisito, e isso também passa pela revisão de nossos conceitos acerca do que julgamos supérfluo ou essencial.

Qual é a finalidade das lendas e contos folclóricos? Como podemos defini-los?

Os contos e lendas são a base da literatura e dizem muito da alma do povo. O conto é narrativa anônima, corrente nas águas da tradição oral, conectando, muitas vezes, diferentes povos e épocas, sempre reelaborado, refundido, adaptado a diferentes latitudes e longitudes, e, ainda assim, mantendo a mesma espinha dorsal de sua versão supostamente mais antiga. Está presente em todos os lugares, dos países mais desenvolvidos às sociedades tribais. O exemplo do romance *O alquimista*, de Paulo Coelho, que se baseia no conto “A história dos dois que sonharam”, das *Mil e uma Noites*, mostra o quanto os temas universais ainda gozam da preferência do público. Muitos filmes também mantêm essa estrutura, digamos, arquetípica do conto tradicional, seguindo à risca o esquema esmiuçado pelo russo V. Propp em *A Morfologia do Conto Maravilhoso*, ou tendo por base a “jornada do herói”, conceito criado pelo mitólogo norte-

-americano Joseph Campbell. Mesmo as telenovelas não escapam a essa herança: aquelas que fica(ram) gravadas na memória do público seguiam a mesma estrutura e foram escritas por grandes contadores de histórias, a exemplo de Janete Clair, Dias Gomes, Benedito Ruy Barbosa etc.

Qual é a sua visão sobre a diversidade e a riqueza do folclore brasileiro?

Desde Sílvio Romero, passando por Gustavo Barroso, Câmara Cascudo, Altimar Pimentel e Doralice Alcoforado, até os pesquisadores da cultura popular de nossos dias, há uma preocupação com o desaparecimento de muitas tradições. Creio que essa preocupação ainda exista, mas, como afirmei acima, hoje se compreende melhor o fato folclórico e o processo dinâmico em que ele se insere. Há projetos que buscam guardar e, até mesmo, salvaguardar algumas manifestações. Acontece que, deslocadas de seu contexto original, como ocorre muitas vezes, tais manifestações tornam-se um simulacro, um arremedo, e perdem sua razão de existir. É só atentarmos para as muitas variantes que existem do bumba meu boi, que é um brinquedo, mas é também um auto popular. Riqueza e diversidade não se medem apenas pela quantidade de folguedos, crenças etc., mas também pelas versões e variantes de uma manifestação.

É possível desenvolver habilidades de leitura, de escrita e de interpretação a partir dessas histórias e de literatura de cordel?

Com certeza. O cordel, como qualquer forma poética fixa, auxilia no processo de desenvolvimento da leitura e é importante também no combate a fatores

limitadores do raciocínio, como a desatenção e a falta de concentração. Pode, ainda, com seus heróis e heroínas arquetípicos, ajudar a entender a estrutura básica de muitas narrativas, incluindo as dos videogames. O herói Juvenal, da *História de Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros, não é o mesmo Super Mario dos jogos eletrônicos? Juvenal dá combate a um dragão e liberta uma princesa das garras de um dragão, repetindo as façanhas de Perseu, São Jorge e Tristão.

Qual é receptividade dos alunos em relação aos temas abordados?

É sempre muito boa; e eu, que fui professor na Bahia, não me surpreendo com isso. É como se estivéssemos devolvendo a eles parte do quinhão a que tinham direito e do qual o mundo moderno, em sua corrida em direção a lugar nenhum, os privou.

Quais os desafios que você enfrenta na profissão?

O grande desafio ainda é a dificuldade de no tocante à pesquisa das tradições populares, sempre feita com recursos próprios. Vendo os livros impressos, as pessoas nem sequer imaginam o esforço que eu, morando em São Paulo, dispendo para que eles venham a lume. Mas o resultado sempre me deixa satisfeito. *Contos Folclóricos Brasileiros* é a primeira coletânea de histórias tradicionais focada no público jovem. Não é um desdobramento de outro livro; é um livro que nasceu com esse fito. E os adultos, que não sufocaram a criança em seu âmagô, também dão um excelente retorno. Ouvi, recentemente, de um escritor, na Feira do Livro de Porto Alegre da qual participei, que este livro,

lançado em 2010, merecia ser premiado, pois seu valor ia além de sua editoração. Repliquei agradecendo e enfatizando que a publicação e a aceitação dos leitores, também refletida nas muitas vendas governamentais, era o maior prêmio que eu poderia almejar.

Qual a influência do folclore e da literatura de cordel para a educação?

Eu não gosto muito de falar muito de influência, que é um termo às vezes traiçoeiro. Gosto mais de presença. E penso que a presença do folclore na educação, não somente no âmbito da sala de aula, é grande. Jamais deixaremos de ser supersticiosos, de alimentar determinadas crenças, de tomar parte em alguns ritos. Isso é o que nos faz humanos, que nos justifica como seres gregários.

Quais são os seus projetos futuros?

Tenho escrito alguns livros em quadras, que são, por excelência, a estrofe da poesia popular anônima e a base de muitos poemas célebres. Um deles é *A Canção do Tio Dito*, que será publicado em breve pela PAULUS, com ilustrações em xilogravuras da Nireuda Longobardi. Acredito muito nesse trabalho, que conta a história da amizade entre um menino e um senhor que, aparentemente, conversa com os pássaros. Tem um quê de realismo mágico e me emocionei bastante enquanto o escrevia. Espero passar a mesma emoção para os leitores. Penso também em retornar, em breve, para o meu torrão, fincar os pés novamente na Bahia, onde terei muito mais tempo para correr trecho em busca da tradição, que, como já disse antes, é a razão de ser de nosso país. Escrevi até um soneto sobre esse possível retorno:

Há um tempo acalento a rude ideia
de voltar aos meus pagos de uma vez,
por malsão pensamento ou por, talvez,
já ter dado o melhor p'ra Pauliceia.

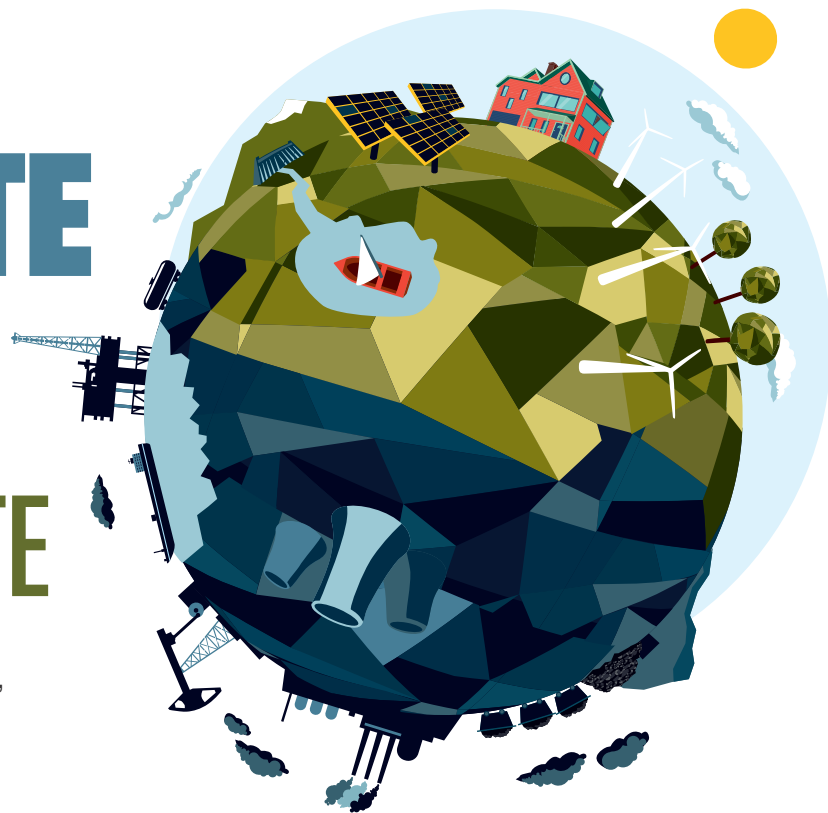
Cada ser é em si uma epopeia,
porém muitos, tomados de avidez,
querem mais, mais ainda, e a lucidez
passa longe e dá parto a uma alcateia.

Ilusões, veleidades não me movem,
quando dentro de mim uma alma jovem
busca longe um remanso ou uma alfombra...

E o sertão deve ser o meu roteiro,
porque lá, de onde venho, o juazeiro
a ninguém jamais nega a sua sombra.



A URGENTE QUESTÃO DO MEIO AMBIENTE



Rompimento de barragem, COP 21, desmatamento, consumo, falta de água... Até que ponto a escola pode se preparar, conscientizar e ajudar a construir um mundo melhor?

Ao menos em teoria, o assunto não é mais novidade para ninguém, no que diz respeito à informação sobre degradação do planeta ou aquecimento global. Atualmente o que muitos questionam não é a consciência sobre a interferência do homem na natureza, mas, sim, o que de concreto poderá ser feito para melhorar a situação. Nesse sentido, o mundo assistiu recentemente ao encontro dos principais líderes de 195 nações do mundo, em Paris, na COP 21, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática.

O acordo assinado pelos 195 países participantes da COP 21 indica que todos os países devem agir para manter a elevação de temperatura do planeta abaixo de 2°C até o ano de 2100. Isso significa que é preciso reduzir a emissão de gases do efeito estufa, sobretudo o gás carbônico, ou CO₂. Na prática, será necessário adotar fontes de energia renováveis, como a solar, eólica, biocombustíveis, entre outras. Além disso, o desmatamento terá de ser reduzido e os processos agrícolas e industriais, alterados.

Cada país deve se comprometer com alguma medida – as chamadas INDSs (Contribuições Pretendidas Nacionalmente Determinadas), que inicialmente irão valer de 2020 a 2030, conforme assinado no acordo de Paris, em 2015. Especialistas alertam, porém, que nem tudo são flores: acredita-se que as metas não resolvam por completo o problema, uma vez que a projeção de aquecimento para o ano de 2100 alcance os 2,7°C no planeta. A COP 21 menciona também que, a partir de 2023, os países poderão negociar novas metas, em reuniões que acontecerão a cada cinco anos.

Muitos cientistas afirmam que, para cumprir o acordo assinado, as emissões de carbono devem cair entre 70% e 90% em 2025, comparado com 2005, para que o aquecimento global mantenha-se abaixo dos pretendidos 2° C. A partir daí ele teria de ser zerado até pelo menos o ano de 2075. Também serão encomendados estudos até 2018, conforme o acordo de Paris, para avaliar qual realmente seria o índice de corte de emissões a fim de que o aumento da temperatura fique próximo de 1,5°C.

O Brasil assumiu metas consideradas ambiciosas na COP 21. Seu compromisso principal foi o de reduzir as emissões de gases do efeito estufa em 37% até o ano de 2025 e em 43% até 2030. Assim o país pretende zerar o desmatamento na Amazônia Legal, além de restaurar 12 milhões de hectares de florestas até 2030, uma área que corresponde ao tamanho do território da Inglaterra.

De acordo com o planejamento brasileiro, a meta só será atingida com o aperfeiçoamento da matriz energética e o aumento do uso da energia de fontes renováveis, como o biocombustível, a energia eólica, a biomassa, a energia solar e a energia hídrica.

Exemplo de cidadania ambiental

O escritor e jornalista Vilmar Berna tem destacada atuação para a formação da cidadania ambiental. Em 1999, foi o único brasileiro a receber, no Japão, o Prêmio Global 500 para o Meio Ambiente, reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), por sua luta constante no segmento. Também participou ativamente da construção de várias organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, como a REBIA – Rede Brasileira de Informação Ambiental, com sede em Niterói (RJ), na qual é editor voluntário da *Revista do Meio Ambiente* e do site www.portaldomeioambiente.org.br. Com o objetivo de entender melhor questões como o recente acidente em Minas Gerais, a consciência ecológica do país e a educação ambiental, conversamos com Vilmar. Acompanhe a seguir um pouco do pensamento do autor do livro *Como fazer educação ambiental* (PAULUS), entre outros títulos.

Como formar uma consciência “verde” nas crianças? Como a sociedade em geral pode sensibilizar as pessoas rumo à sustentabilidade?

O efetivo exercício da cidadania ambiental, crítica e participativa, capaz de tomar decisões e fazer escolhas de forma consciente, pressupõe no mínimo a existência de informação ambiental acessível, de qualidade e independente, e ainda estamos bem longe disso. Sem isso, a sociedade terá dificuldade para compreender a gravidade da crise ambien-

tal, e pior, será incapaz de fazer escolhas adequadas que levem a mudanças que revertam a atual rota suicida de nossa espécie sobre o planeta.

Na sua visão, como são tratadas as questões ambientais hoje?

As questões ambientais ainda são tratadas de forma compartimentalizada e o ser humano ainda não é visto como parte da natureza. Isso acaba reforçando na opinião pública a falsa ideia de que a questão ambiental é importante, mas não prioritária diante das necessidades humanas. O meio ambiente acaba sendo visto como uma espécie de estorvo, um obstáculo ao crescimento, e, no primeiro embate em que se tenha de escolher entre o “progresso” ou a preservação ambiental, o meio ambiente ficará pela metade. Por isso, talvez, se chame de meio e não de inteiro.

Podemos dizer, então, que a humanidade está em risco?

O atual estilo de vida humano está pondo em risco o futuro tanto das presentes gerações quanto das que nem nasceram ainda, mas que já dependem de nossas decisões. A pegada ecológica de nossa espécie está consumindo em torno de 20% a mais do que o planeta consegue repor, segundo estudo realizado por 1.300 cientistas de 95 países. E, como as relações entre as pessoas, as organizações e as nações não são iguais, uns conseguem explorar mais que outros. Segundo o Relatório Planeta Vivo – WWF, os povos da África e Ásia, por exemplo, usam em torno de 1,4 hectares por pessoa; os brasileiros usam em média 2,3 hectares; e os povos da Europa Ocidental, cerca de 5 hectares por pessoa. Nos EUA, cada cidadão consome o equivalente a 9,6 hectares de recursos do planeta. Com menos de 5% da população mundial, os Estados Unidos consomem 26% do petróleo, 25% do carvão mineral e 27% do gás natural mundial. Não é por falta de amor à natureza ou aos animais, ou mesmo por desconhecimento, que chegamos à beira deste colapso civilizatório. Trata-se de uma questão civilizatória, espiritual, moral e ética.

Com base em sua experiência, de que forma é possível capacitar as escolas, famílias, professores e alunos para lidar com as questões ecológicas?

Os próximos anos exigirão de nós consciência ambiental e a capacidade de fazer novas escolhas e tomar novas atitudes, e as escolas terão um papel fundamental nisso. Paulo Freire dá a dica: “A educação deve ajudar o homem brasileiro a inserir-se criticamente no processo histórico e a libertar-se, pela conscientização, da síndrome do ter e da escravidão do consumismo”. Os alunos devem ser capacitados e sensibilizados para fazer as escolhas sustentáveis desde agora. Gosto de um pensamento da antiga cultura chinesa que diz que “todas as flores do futuro estão nas sementes de hoje”.

Como o professor pode abordar esse tema em sala de aula?

Que perspectivas e oportunidades a sociedade oferece hoje nas escolas para que os jovens possam mudar de atitude, conhecer novos caminhos, saber mais sobre a crise ambiental? Que medidas a escola pode tomar para ajudar a sensibilizar os alunos e a comunidade escolar? São Francisco de Assis, o Patrono da Ecologia, dá a dica: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível”.

As escolas também podem contribuir?

Seria bom se a própria escola pudesse dar o exemplo, neutralizando suas próprias emissões de carbono através da mudança de tecnologias (lâmpadas que consomem menos, por exemplo), coleta seletiva do lixo, inventário das emissões e plantio – e manutenção – de árvores existentes e de novas, com o propósito de retirar carbono da atmosfera. Muitas dessas ações podem e devem ser apropriadas para uso em sala de aula por meio do conteúdo programático. Por exemplo, a fotossíntese é um dos serviços ambientais oferecidos pela natureza e que ajuda na fixação do carbono nas raízes, tronco, galhos e folhas das árvores durante seu crescimento. Ainda é possível oferecer aos alunos mais interessados a possibilidade de atuar de forma organizada, assumindo, no mínimo, uma ação concreta por mês para a melhoria ambiental da comunidade, criando para isso um grupo, associação ou clube ambiental. Seria uma forma de a escola incentivar a educação ambiental continuada, além de estimular a mobilização cidadã e despertar vocações profissionais.

“O meio ambiente acaba sendo visto como uma espécie de estorvo, um obstáculo ao crescimento, e, no primeiro embate em que se tenha de escolher entre o ‘progresso’ ou a preservação ambiental, o meio ambiente ficará pela metade. Por isso, talvez, se chame de meio e não de inteiro.”

Na sua visão, hoje as pessoas estão mais conscientes?

Sim. Dados confirmam que a conscientização do brasileiro em relação ao meio ambiente aumentou 30% nos últimos 15 anos. Isso nos dá motivos para ter esperanças, pois tem motivado mudanças concretas na sociedade, como a maior das pessoas na luta por seus direitos ambientais com as chamadas ONGs, organizações não governamentais, dedicadas às lutas ambientais. Surgiu ainda uma legislação ambiental, que se torna mais rigorosa a cada dia, e a mídia ambiental, além do aumento do espaço para a pauta ambiental nos veículos da chamada grande mídia. A cada dia são criados novos cursos na área ambiental e realizados seminários, feiras, palestras sobre meio ambiente. Outro indicador importante é o número de novos livros dedicados ao tema ambiental. Os políticos e administradores públicos estão cada vez mais envolvidos com a causa ambiental e preocupados em dar retorno ao seu eleitorado. As empresas, mesmo as mais poluidoras, estão adotando sistemas de gestão ambiental, buscando a ecoeficiência, valorizando selos e prêmios ambientais e combatendo a poluição.

Como ambientalista, qual a sua visão sobre a tragédia em Bento Rodrigues, no distrito de Mariana, na Região Central de Minas Gerais?

Estamos falando do que já é considerado o pior acidente ambiental do Brasil. Só pela lama misturada com minério de ferro e outros contaminantes que escorreram das duas barragens, o mundo já teria motivo suficiente para ficar horrorizado! Entretanto, existem ainda outras lamas, igualmente densas, horrorosas e pegajosas que exigem limpeza. A lama da mentira e do descaso da empresa e autoridades. A lama do financiamento das campanhas, que possibilitou à empresa atuar desde 2013 sem licença, movida pela ganância dos lu-

ros. A lama da censura e do cerceamento da defesa ambiental, quando os envolvidos “resguardaram” a cena do próprio crime, facilitando a entrada dos “amigos” e impedindo os “inimigos” de se aproximarem, porque têm algo a esconder.

O que o senhor acha das multas aplicadas?

Aí temos também a lama da capitalização dos lucros e da socialização dos prejuízos: o lucro líquido dessa empresa, só em 2014, foi de R\$ 2,8 bilhões. Multas de 50 milhões ou mesmo de 250 milhões, além de não significarem nada na contabilidade da empresa, não reparam nem uma pequena parte dos danos que a empresa causou. Nos EUA, por exemplo, a petroleira BP pagou multa de US\$ 20 bilhões (cerca de R\$ 76 bilhões) para arcar com os prejuízos da explosão de uma plataforma de petróleo no golfo do México, em 2010. A procuradora-geral dos EUA, Loretta Lynch, disse que a empresa “recebeu o castigo que merece, além de proporcionar uma compensação crucial para os estragos que provocou no meio ambiente e na economia da região do golfo do México”. Deveria ser o mesmo caso aqui no Brasil, mas até quando a sociedade brasileira continuará aceitando que seus políticos troquem o meio ambiente por financiamento para suas campanhas?

Por meio da educação ambiental, arriscaríamos dizer que o problema poderia ter sido evitado?

Não, porque o caso aqui é de crime mesmo, de ganância, de má ciência, de acumpliciamento e corrupção com autoridades. Entretanto, é claro que, se existisse ali uma educação ambiental voltada para a formação de um cidadão crítico e participativo, ajudaria muito para que a sociedade local ficasse de olho nos maus empresários e nos maus políticos e cobrasse mais responsabilidades, denunciasses à imprensa e produzisse abaixo-assinados. Assim, talvez esse acidente nem tivesse acontecido.

Quais os seus projetos futuros para a vida e para a educação?

Se o mundo e as pessoas melhores que sonhamos não são melhores ainda, então é porque a luta continua. Espero ter tempo, saúde e recursos para continuar ajudando a produzir reflexões para a mudança e livros de qualidade com ênfase no ensino de ciências e em educação ambiental; contribuir para a promoção da educação e a cidadania crítica e participativa através de encontros socioambientais

entre leitores e o autor; usar as muitas ferramentas da web para lançar livros virtuais sobre as realidades socioambientais locais que serão produzidos pelos próprios professores e seus alunos, sob a minha supervisão. Quero poder ajudar a promover a formação continuada dos professores através do curso a distância de educação ambiental, em parceria com a UFF, baseada no livro do autor *Como fazer educação ambiental*. Planejo, em breve, embarcar no meu motor-home – que passará a ser a Casa do Escritor –, para ir mais além, chegar mais perto dos leitores, dos professores, das escolas, dos municípios interessados nessa mudança cultural por um mundo e por pessoas melhores. Chamo este projeto de “O Escritor sobre rodas”, que pretendo financiar com a venda dos meus livros, palestras etc.

Sementes do amanhã

Alguns exemplos de educação ambiental pontuam sinais de maior consciência e buscam semear um futuro mais ecológico. Entre eles, o colégio Santa Maria, da zona Sul de São Paulo (SP), desenvolve um trabalho no sentido de promover o respeito e a valorização dos fenômenos e características naturais do meio ambiente. Com o nome de “Com a corda toda”, a atividade é desenvolvida com alunos do pré-primário, visando facilitar vivências e a aproximação com elementos da natureza. A proposta é a de integrar assuntos do espaço externo com propostas de aprendizagem em sala de aula. O que está fora da classe entra como assunto curioso e se transforma em atividade, desenhos e registros, em um território de descoberta e valorização.

No mesmo colégio, nas turmas com alunos de maior idade, em todas as séries e em conjunto com o desenvolvimento do currículo de Ciências, a escola desenvolve um projeto denominado “Eco estudantil”. A proposta acontece com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A ideia é estimular os estudantes a refletir e analisar como determinadas ações humanas prejudicam o meio ambiente e quais atitudes e soluções podem ser elaboradas para dirimir problemas relacionados ao descarte de materiais, à escassez de energia, de água e à contaminação do solo e dos recursos hídricos.

No 6º ano, o projeto desenvolvido pelo Professor Simeí Ribeiro baseia-se na utilização de materiais descartáveis (papelão, garrafas pet, tampas de garrafas, entre outros) para criar objetos e brinquedos, que foram apresentados aos alunos da EMEI-Anhanguera (Escola Municipal de Educação Infantil).

Para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, liderados pela Professora Carolina Mieko A. Moreira, o tema desenvolvido refere-se às fontes alternativas de energia com a proposta da construção, doação e instalação de aquecedores solares de água de baixo custo.

No decorrer do ano letivo são realizados encontros e oficinas para debater e refletir sobre o mau uso dos recursos naturais e sobre alternativas economicamente e ambientalmente viáveis.

Nas oficinas, com o auxílio dos funcionários da manutenção do colégio, são apresentadas todas as etapas de montagem e funcionamento do aquecedor solar, com o objetivo de que os alunos se tornem semeadores dessa ideia.

Após as oficinas, são os alunos que executam algumas das etapas da construção do aquecedor e apresentam oficinas para repassar aquilo que aprenderam como as que foram realizadas para os alunos da EJA (supletivo) do Colégio Santa Maria e para a comunidade escolar do Colégio Dulce Carneiro, que recebeu a instalação de um aquecedor. “Eu entrei em contato com muitas pessoas com quem nem imaginava que falaria: colegas, trabalhadores da manutenção e alunos do supletivo. É um projeto que pode ajudar muitas pessoas financeiramente, pois economiza na conta de luz e ajuda o meio ambiente também”, conta Beatriz Batista Santos, aluna do 7º A.

Os alunos do 8º ano, preocupados com a escassez de água apropriada para o consumo humano e com a falta de espaço físico nas residências urbanas – e desejosos de que a população faça um uso mais racional da água proveniente das chuvas –, tomaram a iniciativa de criar e disseminar em comunidades carentes atendidas pela escola o uso da tecnologia da minicisterna em residências urbanas, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, com orientação da escola.

Para o Colégio Oshiman, de São Paulo (SP), o meio ambiente é abordado em sala de aula em diversas disciplinas e também paralelamente, por meio do Verde Oshiman, projeto de educação socioambiental e de sustentabilidade da escola. Seu objetivo é o de conscientizar não apenas o corpo discente, mas também a comunidade (pais, alunos, professores e funcionários) sobre a importância do consumo consciente.

De acordo com o professor Ricardo Pires, coordenador do projeto, as atividades se estruturam na ideia de que o valor daquilo que chamamos de lixo está diretamente re-

lacionado com o uso que fazemos dele. “Nesse contexto, buscamos transformar o lixo em algo que possa ser visto, tocado ou sentido de uma maneira positiva, como reaproveitamento, restauro, reciclagem, artesanato. Outro aspecto importante é a sensibilização da criança, como uma alfabetização ambiental, por meio do olfato, tato, visão e paladar, em atividades lúdicas”, explica.

O colégio anuncia que, ao longo dos últimos dez anos, o projeto Verde Oshiman reciclou uma média de duas toneladas de papel por ano e produziu cerca de dois mil pedaços de sabão a partir do reaproveitamento de óleo de cozinha, além de criar milhares de objetos (decoração, brinquedos etc). O propósito é sempre o mesmo, de conscientizar crianças, jovens e adultos por meio da prática cotidiana da sustentabilidade. “Muitos ex-alunos retornaram à escola para participar novamente do projeto na condição de monitores, alguns inclusive fortemente influenciados em seguirem carreira profissional em áreas ligadas ao meio ambiente”, observa o professor Ricardo Pires.



PAIXÃO

pelos livros e pela leitura

Pesquisas realizadas por organismos internacionais sempre colocam o Brasil entre os países que menos consomem livros no mundo, atrás dos Estados Unidos, Cuba, Canadá, países europeus, asiáticos e vizinhos sul-americanos. Por essas e outras, a afirmação de que o brasileiro não gosta de ler virou lugar-comum.

O tema exige reflexão. Afinal de contas, o brasileiro não lê porque não tem acesso aos livros ou porque não se sente convencido da importância da leitura para sua formação? A leitura, por sua vez, é apenas uma forma de adquirir conhecimento ou pode ser também um entretenimento, do qual só os iniciados desfrutam?

Algumas pessoas – e não poucas – costumam dizer que o livro no Brasil custa caro. Mas há que se levar em conta que existem bens de consumo com preços mais elevados que não deixam de ser consumidos pelo mesmo motivo.

O preço de um livro infantojuvenil, desses que as escolas costumam adotar nas aulas de literatura, não chega a R\$ 30. Isso é o que custa a ida ao cinema ou a uma lanchonete no shopping mais próximo. E o que dizer do preço dos tênis importados, dos *i-pads*, *i-pods*, celulares e outras novidades tecnológicas?

Outra questão é saber se o livro custa caro porque não vende ou não vende porque custa caro. Quanto maior a tiragem, menor o preço do exemplar. Portanto, se o número de leitores aumentasse, o preço de capa cairia vertiginosamente, o que estimularia o aumento das vendas e, conseqüentemente, da leitura.

Na verdade, as pessoas não leem por má vontade ou por simples falta de motivação. Como diz o ditado, “o exemplo vem de casa”. Se os pais não se debruçam sobre os livros e não contam histórias, dificilmente os filhos vão se desenvolver o hábito da leitura.

Reforma do ensino

Se a escola, por sua vez, não estimula esse hábito com a ajuda dos pais, como é que as crianças vão gostar dos livros? E olha que os professores se esforçam, embora muitas vezes sem apoio até mesmo do governo. Este, se quisesse de fato contribuir para o aumento da leitura, começaria por uma reforma profunda em todos os níveis do ensino.

Outra coisa a se notar é que, numa sociedade de consumo, a propaganda é cada vez mais a alma do negócio. No entanto, as mídias modernas praticamente ignoram os livros. Tampouco os editores parecem interessados em anunciar seus produtos, como fazem fabricantes de eletrodomésticos, automóveis, roupas e refrigerantes.

Se em vez de bebidas a mídia anunciasse livros, certamente o número de leitores crescería consideravelmente. Contudo, até mesmo o espaço para resenhas e críticas literárias é cada vez menor nos jornais e revistas de circulação local ou nacional. A literatura infantojuvenil, que é fundamental na formação de crianças e jovens, é praticamente ignorada pelos editores de cultura. Quando não, apenas os *best-sellers* têm lugar nas colunas literárias.

Tenho muita pena de quem não lê. Literatura é viagem, é conhecimento, é emoção. O diferencial da leitura de livros, em comparação com outros gêneros artísticos, é que toda ação narrada pelo autor se passa na cabeça do leitor. Portanto, a leitura alimenta e desenvolve a imaginação.

Por mais perfeita que seja uma adaptação literária para outra linguagem artística, raramente ela alcança os níveis de excelência do livro. A adaptação geralmente nos apresenta a visão restrita do diretor ou do roteirista, que partem do texto original e enfrentam os obstáculos da produção.

A leitura direta vai muito além, pois estimula nossa imaginação a criar junto do autor. Por isso eu costumo dizer que um livro, por melhor que seja, só se completa depois de ser lido por alguém que não o escreveu. Por outro lado, cada leitor lê, no mesmo texto, um livro diferente. E, se alguém lê o mesmo livro duas vezes, na verdade estará lendo um novo livro no texto anterior.

Estudiosos americanos afirmam que leitores de livros têm mais facilidade para decifrar o mundo à sua volta, para compreender os mecanismos tecnológicos do mundo contemporâneo e para exercer qualquer tipo de profissão.

Manuais de trabalho

Certa vez visitei uma unidade da indústria automobilística e a relações públicas da empresa me disse que uma das maiores dificuldades na escolha de operários era justamente a falta de leitura. Profissionais habituados aos livros têm mais facilidade para ler e compreender os manuais de trabalho.

Com tudo isso, eu sempre me pergunto até que ponto as pessoas realmente não gostam ou não precisam ler. Vejamos, por exemplo, o sucesso dos *best-sellers*, sobretudo entre crianças e adolescentes. Vou citar apenas a saga Harry Potter, cujos oito volumes venderam milhões de exemplares em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Minha filha, que é professora formada em Letras pela UFMG, sempre gostou e sempre conviveu com os livros, desde pequena. Eu e a mãe dela líamos todas as noites à beira de sua cama. Ela devorou *Harry Potter* com o mesmo prazer que teve ao ler Cecília Meireles, Clarice Lispector, Leo Cunha ou Luiz Ruffato – para citar apenas alguns dos nossos melhores escritores.

Quando me perguntam “O que devo ler?”, digo sempre que se deixe ler de tudo, a começar pela Bíblia. Não por seu aspecto religioso, mas pela riqueza literária. A leitura desse



livro talvez explique o fato de judeus e protestantes se alfabetizarem mais cedo que os povos católicos.

Hoje, os jogos eletrônicos, *i-pads*, *i-pods*, celulares e as redes sociais ocupam a maior parte do tempo livre das pessoas. A cada dia que passa o livro perde espaço em nossa sociedade. Contudo, essa mesma tecnologia modernizou o livro, transferindo as narrativas do papel para a telinha.

Não tenho preconceitos. Eu mesmo descobri o conforto do Kindle, esse leitor de *e-book* no qual tenho lido com grande prazer. É possível gostar um pouco de tudo. Mas, pelo uso excessivo de algumas plataformas, só posso deduzir que estamos formando uma sociedade robotizada e hedonista, treinada para o consumo, incapaz de refletir sobre os grandes temas ou de encontrar soluções para os pequenos entraves da vida cotidiana.

Vejo as políticas de leitura dos governos que se sucedem e acho, francamente, que são equivocadas, ultrapassadas e que, por isso, alcançam poucos resultados. Não tenho a solução para o problema, mas alimento a certeza de que sem o empenho dos políticos, dos pais, dos professores, dos editores e dos meios de comunicação não teremos saída. Como disse Monteiro Lobato – o hoje combatido pioneiro da literatura infantojuvenil, injustamente acusado de racismo: “Um país se faz com homens e livros”.

*Jorge Fernando dos Santos é escritor, compositor e jornalista com vasta experiência profissional. Tem 42 livros publicados, entre eles *ABC da MPB* (Selo Altamente Recomendável da FNLJ), *No clarão das águas*, *Alice no país da natureza*, *Ave viola – Cordel da viola caipira* (Prêmio Rozini de excelência da viola caipira), *As cores no mundo de Lúcia* e *Cordel da bola que rola – A história e as lendas do futebol*, todos pela PAULUS Editora. Foi finalista do Prêmio Jabuti em 2014, com a novela *Alguém tem que ficar no gol*, publicada pela SM Edições. Lançou em 2015 *A mágica da música – Introdução ao ensino musical* (Mazza Edições) e *Vandré – O homem que disse não* (Geração Editorial).

Os caminhos DA DEPRESSÃO



Dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo apontam que o transtorno responde por até 40% dos professores afastados de suas atividades por problemas de saúde

Incorporado sobretudo à vida urbana, o termo depressão já se tornou cotidiano na atualidade. Da mesma forma, o problema também se intensifica, ano após ano, entre os profissionais de ensino. Para se ter uma ideia, dados da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo indicam que a depressão responde por até 40% dos professores que são afastados do trabalho com problemas de saúde.

De acordo com o presidente do Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina e membro da diretoria da Associação Brasileira de Psiquiatria, Dr. Sérgio Tamai, a probabilidade de alguém ter pelo menos um episódio depressivo ao longo da vida é de 10%. Mas, no caso dos professores, o quadro pode ainda ser pior. “Existem fatores de risco que elevam essa possibilidade, como ser mulher ou ter parentes próximos acometidos por depressão. Algumas outras profissões também podem representar um aumento de risco para que a depressão ocorra, como aquelas ligadas à saúde e à educação”, avisa o Dr. Tamai.

O termo depressão tem sido empregado para se referir a uma tristeza normal, o luto decorrente da morte de alguém querido, ou um sintoma dentro de uma doença clínica, como a doença de Parkinson, explica o Dr. Tamai.

Segundo ele, o conjunto de sinais e sintomas que caracterizam a depressão envolve, além da tristeza, outros elementos, como alteração de sono e de apetite e dificuldade para se concentrar. Também a apatia e a irritabilidade mostram-se presentes durante a maior parte do dia, prejudicando o desenvolvimento normal do cotidiano da pessoa. E esse quadro pode se estender por semanas. “Na maior parte das patologias em psiquiatria, como no caso das depressões, não há uma causa identificável e nem marcadores biológicos que definam o diagnóstico, como no caso da dengue ou diabetes, por exemplo, onde um exame laboratorial e objetivo poderá ser realizado. Assim, a depressão é considerada um transtorno”, explica o Dr. Tamai.

Sintomas e tratamento

Sobre o surgimento da depressão na vida das pessoas, a recomendação é que se procure um médico tão logo apareçam os sintomas descritos anteriormente, caso persistam por mais de duas semanas. Também é importante lembrar que muitas recomendações médicas tornam-se especialmente difíceis de serem executadas na prática. Isso porque muitas delas planejam evitar a sobrecarga de trabalho e indicam o desenvolvimento de atividades físi-

cas regulares, tarefas que demandam paciência, tempo e compreensão pessoal e profissional.

No caso das escolas, muitas vezes as classes lotadas ou alunos desinteressados e agressivos podem exercer influência e desencadear o transtorno de um quadro depressivo, nascido pelo resultado do estresse contínuo ao qual o professor acaba exposto.

Já o diagnóstico da depressão é sempre realizado de forma clínica. “O médico vai fazer a avaliação por meio da história do paciente e do exame psíquico, para ver se a situação se configura um quadro de depressão ou não”, conta o Dr. Tamai. Eventualmente também podem ser solicitados alguns exames laboratoriais, que visam descartar a possibilidade de que o quadro de depressão não seja na verdade um sintoma de outra doença, como hipotireoidismo, anemia, demência, fibromialgia ou doença de Parkinson.

O tratamento para o transtorno da depressão envolve o uso de medicamentos antidepressivos e psicoterapia. A ocorrência desses quadros acontece de forma muito heterogênea com relação às suas causas. “Em alguns casos, a pessoa tem um episódio depressivo que depois nunca mais se repete. Por outro lado, existem pessoas que precisam fazer o tratamento durante a vida inteira. Nesses casos há uma predisposição genética e uma história de vários episódios depressivos sucessivos. Existe ainda a depressão que ocorre no transtorno afetivo bipolar, que é transtorno crônico, aquele em que a pessoa precisa ser medicada continuamente”, sinaliza o Dr. Tamai.

Alguns quadros da depressão também se relacionam com outras doenças. Hoje se sabe que o transtorno está associado a doenças cardiovasculares. Vários estudos comprovam que uma pessoa deprimida tem pior adesão ao tratamento de outras doenças crônicas como diabetes e hipertensão, muitas vezes apresentando agravamento e pior prognóstico em seu quadro clínico.

Na opinião do Dr. Tamai, muito ainda pode ser feito no campo da comunicação, onde há uma ausência de campanhas de informação sobre o transtorno da depressão, sobretudo por parte do Estado. As principais iniciativas nesse sentido partem de associações médicas e de familiares, por meio da internet e mídias sociais realizadas, por exemplo, pela Associação Brasileira de Psiquiatria.

No segmento do ensino o médico opina que não só a depressão, mas todos os outros transtornos mentais – como autismo, transtorno bipolar de humor, esquizofrenia, demência e dependência química – deveriam constar do currículo escolar. “Creio que isso contribuiria para a diminuição do estigma em torno dos transtornos mentais. Além de o tema ser levado às salas de aula, acredito que as pessoas poderiam acessar os canais de comunicação das associações médicas, que dispõem de informações voltadas para a população. O estado também poderia realizar campanhas de esclarecimento como faz no caso de outras doenças, como hipertensão e diabetes”, finaliza.



Informação e prevenção como remédio

Recomenda-se, quando possível, evitar a sobrecarga de trabalho e desenvolver atividades físicas regulares.

Em geral a pessoa acometida pela depressão apresenta, por um período maior do que duas semanas, as seguintes alterações:

- tristeza 😞
- alteração de sono 😓
- dificuldade para se concentrar 😞
- alteração de apetite 🤢
- apatia 😞
- irritabilidade na maior parte do dia 😡

A participação da família — NA ESCOLA —



Divulgação

O mundo moderno fez com que o ser humano mudasse radicalmente sua dinâmica de vida, principalmente nos grandes centros urbanos; com isso, a família vem mudando sua constituição e o seu modo de se relacionar. As famílias ditas tradicionais ainda fazem parte do cenário que vislumbramos; contudo, há outros arranjos familiares que surgem e se firmam. Para além de considerações que busquem identificar e atestar se esse ou aquele arranjo familiar é o melhor, não podemos desconsiderar que as crianças fazem parte da família – independente de qual arranjo familiar tenhamos diante dos olhos – e que elas têm o direito à educação.

Educar abrange muitos aspectos; um deles é a presença dos pais ou responsáveis pelas crianças na escola.

Por causa da necessidade econômica e também do desejo de realização pessoal, pais ou responsáveis por crianças não encontram tempo para participar da vida educacional de seus filhos no tocante à escola. A ausência dos pais pode até ser compreendida; contudo, não totalmente justificada, pois implica perdas concretas para as crianças e, por que não, para todos os envolvidos. Pais ou responsáveis são os primeiros que respondem pelo caminho de formação de seus filhos; a escola colabora com aquilo que compete a ela, porém, escola e professores não são substitutos para pais ausentes. Por fim, a criança precisa aprender que nesse processo ela também tem responsabilidades que precisam ser vivenciadas, obviamente, a seu tempo.

Essa reflexão não tem o objetivo de apontar culpados, mas de despertar nos pais, ainda neste começo de ano, que é muitíssimo importante a presença deles na escola de seu filho. Formação não se delega a terceiros, por mais competente que seja o estabelecimento de ensino escolhido para a criança. Fatores como comprometimento, presença e cumplicidade são decisivos para que a criança se sinta segura e se desenvolva confor-

me o que se espera dela. Se a situação de uma criança, ao contrário, traz preocupação, a interação entre escola e família pode ser a chave para se encontrar a solução tão desejada.

Em geral, as escolas, logo no começo de suas atividades apresentam as datas nas quais ocorrerão as reuniões com pais e responsáveis. Tendo em mãos essa agenda, é mais fácil organizar-se e tentar participar, se não de todas, de algumas das reuniões propostas. Tempo é importante, sim, mas disponibilidade interior é igualmente importante, pois não adianta estar numa reunião apenas de corpo presente e torcendo para que ela seja a mais breve possível. Contestar resultados é direito de pais e responsáveis, principalmente quando esses resultados não são satisfatórios; por outro lado, tal contestação terá mais sentido se a participação de pais e responsáveis ao longo do processo de aprendizagem da criança tiver acontecido.

Estabeleça propósitos no início de um ano novo: darei mais atenção ao processo educacional do meu filho ou estarei presente nas reuniões de pais e mestres ao longo desse ano. Certamente, além dos aspectos formais e pedagógicos envolvidos, a dimensão afetiva vai se tornar mais forte e significativa.

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br





 Especial Formação
de **Professor**


PAULUS



O sonho de Karim

Autor: Veruschka Guerra

Ilustrações: Veruschka Guerra

Elaboração do Projeto: Beatriz Tavares de Souza

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

A história, narrada por meio de imagens, conta o sonho e as experiências de uma jovem árabe. As imagens oferecem um cenário que faz o leitor pensar na beleza, nos segredos e enigmas de uma cidade fictícia do oriente.

Justificativa

Direcionada ao público infantil, a arte do desenho narra uma história relacionada à possibilidade de realizar os nossos sonhos. A imagem da palavra também oferece ao professor a oportunidade de desenvolver o processo cognitivo do aluno, podendo trabalhar a leitura em duas etapas: no início do ano letivo e ao final do mesmo ano, no intuito de, por meio de atividades de leitura interpretativa, observar o grau de capacidade adquirida.

Projeto pedagógico

Por que sonhamos? Como podemos realizar os nossos sonhos?

Temas secundários

Noite, sono, pássaro, água, fonte e flores.

Áreas de conhecimento

Língua Portuguesa, Literatura, Ciência, História, Geografia, Psicologia.

Temas transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Meio Ambiente.

Indicação

Ciclo 1: indicado para alunos do 1º ao 2º ano.

Objetivos

Desenvolver no aluno a capacidade de interpretação de imagens e a habilidade de criar histórias relacionadas às imagens do livro.

Antes da Leitura

Sugerimos criar situações em que o aluno possa discutir e falar sobre o livro. Questionar os alunos para levantar seus conhecimentos prévios sobre sonhos – sejam aqueles que temos durante o sono ou nossos planos para o futuro. Perguntas:

- Você, quando está dormindo, costuma sonhar? Sim? Não?
- Quando você tem um sonho, como ele é? Bom ou ruim?
- Você já ouviu falar em “pesadelo”? Então, responda: você já teve algum?
- Em sua opinião, o que faz uma pessoa sonhar? O que faz uma pessoa ter pesadelos?

Agora, pense:

O que pode significar esta expressão: “*Ele vive sonhando acordado*”? Seria alguém vivendo com pensamento “longe”, fora da realidade? Ou seria aquele(a) menino(a) projetando o plano futuro de um dia se tornar uma bailarina famosa, ou um jogador de futebol?

- Você já sonhou acordado? Sim? Não? Com o que você esteve sonhando?
- Agora, pergunte ao professor (o de Ciências pode oferecer a melhor resposta): É verdade ou é mito: dormir depois de comer muito no jantar pode fazer as pessoas terem pesadelos?

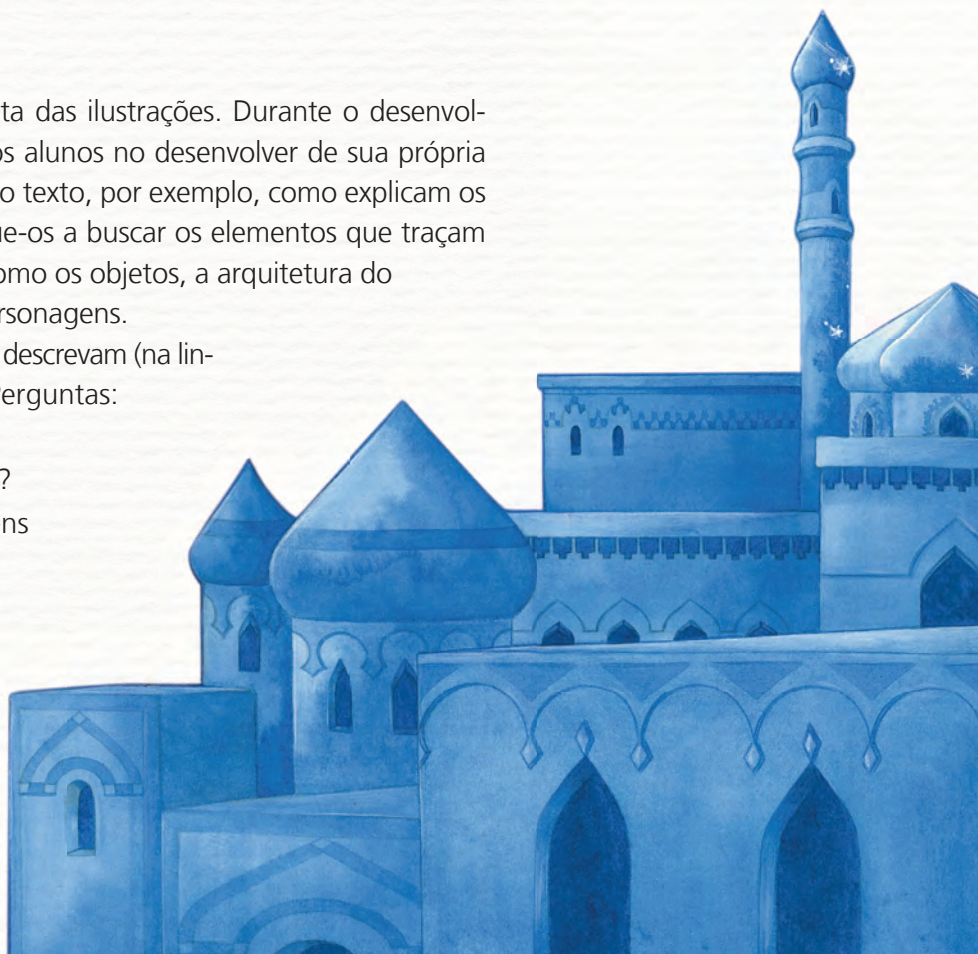
Iniciando a leitura

Sugestões:

Fazer com os alunos uma leitura conjunta das ilustrações. Durante o desenvolvimento da leitura, sugerimos observar os alunos no desenvolver de sua própria visão e interpretação sobre o que veem no texto, por exemplo, como explicam os significados dos traços, das cores. Instigue-os a buscar os elementos que traçam o perfil cultural que compõem o texto, como os objetos, a arquitetura do contexto narrativo e a vestimenta dos personagens.

Solicitar aos alunos que observem a capa e descrevam (na linguagem oral) o que compõe as figuras. Perguntas:

- O que compõe as ilustrações da capa?
- Que lugar do meio ambiente as imagens e a figura da garota estariam representando?
- Quais as cores que mais aparecem nas ilustrações?
- Em sua opinião, por que o azul em tom mais escuro é predominante nas ilustrações?



Atividades

Sugestões:

Organizar os alunos em pequenos grupos.

1. Observe as imagens. Com base na observação, qual é o assunto da história?

- Quem são os personagens envolvidos na história? Qual a personagem principal?
- Você sabe dizer o nome dessa personagem? Qual é?

2. Retorne às ilustrações da contracapa e da página 1 e responda:

- O que as imagens revelam?
- Além das figuras arquitetônicas (casas), o que mais as ilustrações revelam?
- Preste atenção nas estrelas e no que está acontecendo com elas.

Pergunta: para qual direção as estrelas seguem?

- Além do azul, há outra cor; qual é ela?
- Onde está localizada a cor amarela e o que ela estaria representando?
- Por falar em céu, sabemos que a lua aparece no céu de quatro formas:

Lua cheia



Lua crescente



Lua nova



Lua minguante



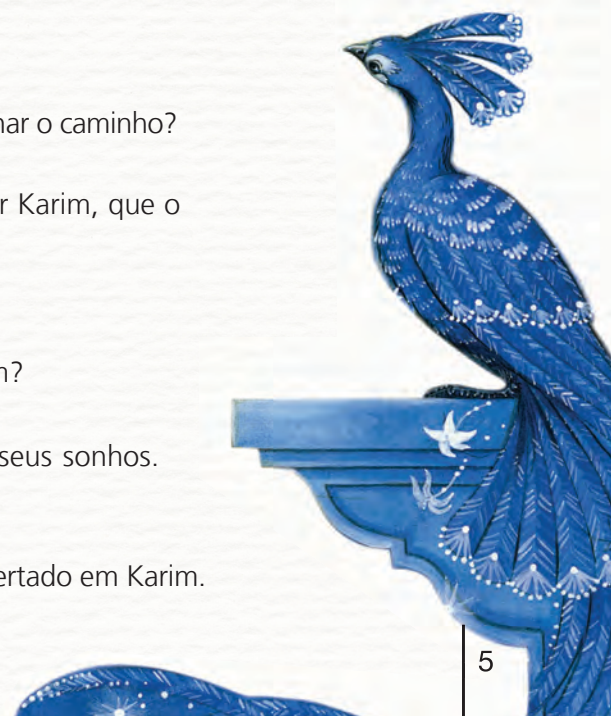
- Agora, repare no céu de estrelas e desenhe no caderno: de que forma a lua foi desenhada no céu de Karim?



3. Observe ainda as ilustrações da contracapa e da página 1 e circule abaixo as letras que compõem as palavras que aparecem nas imagens:

A B C D E F G H
I J K L M N O P
Q R S T U V X Y Z

4. O que acontece nas páginas 2 e 3? Preste atenção no rosto de Karim e no que aparece no momento em que ela dormia.
- Como estava a janela do quarto enquanto Karim dormia?
 - Como o quarto era iluminado, ou seja, de onde vinha a luz?
 - Por causa da janela aberta, o que entrou no quarto de Karim?
5. Observando com atenção as páginas 3 e 4, responda:
- Enquanto Karim dorme, o que há em seu quarto?
6. Na página 4, as ilustrações mostram Karim com outros traços.
- Karim, ainda deitada, abriu os olhos. Ergueu-se da cama e começou a observar a presença de flores e estrelas no quarto. Em sua opinião, Karim naquele momento ainda dormia ou já estava acordada?
7. Passe para as páginas 5, 6, 7 e responda:
- Quantos pássaros Karim visualizou no sonho?
 - Qual a cor desses pássaros?
 - Que pássaros são esses que entraram no quarto de Karim?
 - Agora, reproduza no caderno os pássaros do sonho de Karim e pinte-os na cor azul.
8. O que mostram as ilustrações nas páginas 8 e 9?
9. Preste atenção nas imagens das páginas 10 e 11. Depois de descer as escadas, quem Karim encontrou à sua espera?
10. Observe os traços do rosto de Karim e do pássaro. Será que naquele momento os dois dialogavam? Sobre que assuntos estariam conversando?
11. Depois disso, Karim tomou alguma decisão? Qual?
12. Karim, então, resolve seguir o pássaro. O que ela utilizava para iluminar o caminho?
13. Descreva o que havia nas ruas, no trajeto feito pelo pássaro e por Karim, que o seguia. Havia flores, casas? O que mais havia?
- Afinal, o sonho de Karim é colorido?
 - Quais as cores que pintavam o sonho de Karim?
 - Que tal reproduzir no caderno as flores coloridas do sonho de Karim?
14. Levada pelo pássaro, Karim finalmente chegou até o lugar dos seus sonhos. Que lugar é esse?
15. Descreva, com suas palavras, que sensação o lugar pode ter despertado em Karim.



Agora é com você

- Alguma vez você já sonhou com um lugar como o da história de Karim?
- Que sensação despertaria em você se entrasse um pássaro no seu quarto durante o seu sono?
- Você tem desejo de visitar algum lugar dos seus sonhos? Se sim, qual?
- Quem você levaria para acompanhá-lo na realização desses seus sonhos?
- Convide outros colegas para contar a eles qual o desejo dos seus sonhos.

Voltando à realidade

- Ao acordar, o que aconteceu com Karim?
- Descreva os detalhes do rosto de Karim nas ilustrações.
- O que Karim estaria sentindo?
- Passe às páginas seguintes à página 22 e descreva o que acontece na história: o que Karim encontrou? Com quem Karim teria conversado sobre o seu sonho? O que Karim recebeu da pessoa com quem ela conversava? O que ele teria dito a ela? No final, como ficou o ambiente no qual Karim morava?

Pensando e escrevendo

a) Segundo a autora, o livro foi baseado em um dos sonhos que ela teve. No sonho ela estava num deserto e uma garota árabe foi em sua direção, entregando-lhe um pote de sementes; então, tudo ao seu redor se transformou.

- O que você faria se alguém lhe entregasse um pote de sementes? Você usaria as sementes para quê?
- Em sua opinião, de que o mundo precisa para se tornar mais bonito e mais humano?
- Como é o mundo ao seu redor? Há flores, vegetação, pássaros, água suficiente para dar vida às pessoas e aos animais?

b) Você e seu grupo contaram oralmente a história de Karim. Que tal agora contá-la por escrito? Escreva, desenhe, pinte. Mãos à obra!

Um assunto puxa o outro

Convide o professor ou alguém da sua família para fazer uma pesquisa sobre as construções, vestimentas, alimentos, objetos, flora e fauna árabes, como fez a autora do livro, Veruschka Guerra.

Depois conte aos demais colegas o resultado da sua pesquisa. O que você aprendeu e o que mais chamou a sua atenção sobre aquela cultura e aqueles povos pesquisados?

Desafio

Está escrito no livro:

"(...) Os sonhos dos nossos corações são cultivados no silêncio."

Com ajuda do professor ou da sua família, descubra por que a autora teve a ideia de contar a história de Karim sem palavras.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades; atendimento às propostas de trabalho; desempenho nos trabalhos em grupo e nos debates; criatividade.

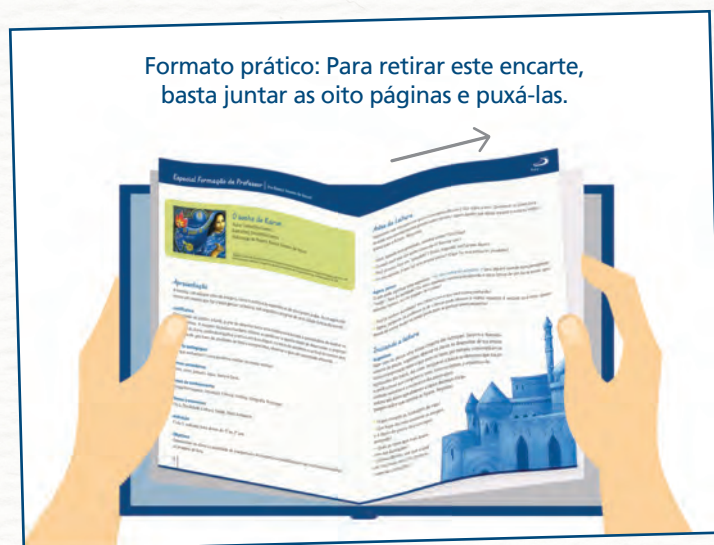
Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo cooperar com o professor, oferecendo subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *O sonho de Karim*, da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.



Projeto Pedagógico

encartado junto com a revista | Edição 65

Páginas *Abertas*



Conheça outros projetos pedagógicos no site: paulus.com.br

SIM, eu preciso de você...



Claudio Santos/Divulgação

Pessoas em estado depressivo muitas vezes têm a sensação de que não sabem ou de que perderam o sentido da vida: tudo parece muito “cinza” – naturalmente, é assim para quem o cinza significa tristeza, tédio, mesmice, pois há quem associe a tristeza a outras cores. Seja qual for a cor, quem está depressivo se frequentemente pergunta: “O que fazer? Por que fazer?”. Dizem que a depressão é mais ou menos como ter uma garrafa de um vinho bom, de uma safra especial, mas não ter com quem ou razão para saboreá-lo.

No mais das vezes, não se sai de uma situação de tédio trancado no próprio quarto, contemplando o próprio umbigo. É preciso sair e ter alguém com quem se importar. É o outro. Diferentemente do que disse o escritor francês Sartre, parece que o paraíso são

os outros, e o eu isolado em si mesmo é o inferno mais profundo.

Algumas palavras remetem a essa necessidade ou atração que o ser humano tem pelo outro para que possa se sentir bem, com disposição para trabalhar, fazer alguma coisa de bom por si e pelo outro. Uma palavra que define isso muito bem é “relação”. O ser humano se constrói na relação com o mundo e, neste mundo, de modo especial com as pessoas.

Ser pessoa e lidar com outra pessoa não é fácil. Mas é nos embates e nas dificuldades de relacionamento que o ser humano se aprimora, cresce. Essa melhora consiste na capacidade de perceber e usufruir mais das riquezas que o diferente, diverso (em grego *béteros*, adjetivo que não se aplica só a sexualidade) proporciona. Consiste também na sabedoria de contemplar o outro em vez de precipitar-se no abismo dos próprios preconceitos. Quem faz assim, descobre maravilhas no diferente.

A maioria de nós, porém, não é dada a muita paciência. Por isso

é que precisamos de bichinhos de estimação, sejam eles eletrônicos ou biológicos. Gente dá muito trabalho. É mais fácil usar um jogo ou brincar com um cachorrinho bonitinho do que conviver com uma pessoa, que nem sempre levanta as orelhas ou abana alguma parte do corpo em sinal de contentamento quando ouve uma opinião.

Pessoas nem sempre concordam; muitas vezes, divergem. Nem sempre causam alegria – portam também tristeza e desapontamento, mas é no relacionamento com elas que está a chave para o que se chama sentido da vida, aquilo que se perde quando estamos depressivos. No entanto, isso não quer dizer que o outro seja responsável por minha felicidade, pois a decisão de me abrir e ir ao encontro do outro, de permitir que alguém diferente de mim faça parte de minha vida, me desconcerte e me faça crescer é minha.

*Claudio Avelino dos Santos (filosofia@paulus.com.br) é mestre em Filosofia pela PUC-SP e Diretor Editorial da PAULUS.



TECNOLOGIA

DIDÁTICA

Ambiente online caminha para a personalização da aprendizagem

Que a tecnologia chegou para ficar ninguém duvida mais. Também não é de hoje que os meios digitais e outras ferramentas se misturam aos sistemas de ensino. Diante de tanto conteúdo, formas de comunicação e interação renovam o processo didático e o papel da escola, do aluno e do professor.

Muita gente se pergunta se uma aula virtual é igual a outra presencial. Para o professor do Instituto Federal de Alagoas, Marcos Dias, é possível obter os mesmos resultados. Formado em Letras (Português/Inglês), especializado no ensino de língua inglesa e com mestrado na linha de pesquisa de linguística aplicada em ensino de inglês, Dias acredita ainda existem outros diferenciais a se acrescentar com relação à experiência colaborativa dos meios digitais. “Como resultado de tudo isso o aluno se torna mais independente, enquanto o professor perde o status de produtor ativo do material disponibilizado para os alunos, mas coprodutor desse material”, sinaliza.

Para o professor Dias, as tecnologias sempre existiram, e ele cita, inclusive, a invenção do livro didático, que muitos consideram uma das grandes tecnologias em sua época. “Essa é uma das razões que cito para explicar que não cabe mais usar o termo ‘Novas Tecnologias’. O que vivemos hoje é um *boom* da internet, que nos traz novas formas de pensar, agir e viver no geral, proporcionando dinamismo e a possibilidade em trabalhar junto com as tecnologias da informação e comunicação, além de oferecer também o uso dessas ferramentas no contexto educacional”, diz.

Muitas escolas pegaram carona no fluxo do compartilhamento das informações e ensino a distância, sobretudo as que oferecem ensino de idiomas - algumas com os cursos nas versões presenciais e digitais e outras somente via plataformas ou internet. Alguns cursos funcionam por meio de conteúdo e interação do aluno; outros, com teoria, exercícios e a presença de um professor, instrutor ou tutor. É o caso da EnglishUp, escola de inglês que trabalha com o formato digital e oferece cursos individuais do idioma, sempre com a presença de um professor. Ao se conectar, o aluno visualiza o professor, que pode estar em qualquer canto do mundo. Com ele o aluno pode dialogar, ouvir e falar em tempo real. A plataforma de ensino utilizada é a Adobe Connect, que permite acesso a links, slides, sites e troca de arquivos. Também é possível realizar a gravação da aula para revê-la depois. De acordo com Nik Peachey, diretor de ensino da EnglishUp, a tecnologia é um grande facilitador para a escola online e aulas particulares ao vivo, mas isso não significa que a empresa dependa do aprendizado com base no computador. “Usamos a tecnologia para conectar pessoas – estudantes aos professores –, o que para nós é o grande poder da tecnologia. Vemos também como uma ótima maneira de manter os alunos envolvidos e motivados, e isso vai ser um foco importante enquanto continuamos a desenvolver e aprimorar o nosso produto e cursos”, avalia Nik.

As mudanças tecnológicas já não são novidades para ninguém e reúnem ciência, engenharia, técnicas e instrumentos para resolver problemas. Tal crescimento se ex-

pande para diversas áreas, com ênfase maior no segmento da educação. Na busca por assimilar cada vez mais ferramentas e novas metodologias, questionam-se conteúdo, alcance e transformação nos processos de ensino. Qual seria, então, o papel da escola, do aluno e do professor?

Para o professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira Herbert Nunes, formado em Letras e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas, é preciso um processo de amadurecimento coletivo. “Gestores, professores e alunos devem se unir na tentativa de integrar à educação mecanismos didáticos mais efetivos. Sabemos que este novo perfil já existe, os professores são historicamente mutantes, mas o que também é histórico é o processo de muitas vezes permanecer estagnado em metodologias ultrapassadas e que insistem em combater o novo”, relata. De acordo com ele, a formação deve ser sempre contínua e estar pautada em diálogos cada vez mais integrados com a sociedade.

Para a EnglishUp, os novos processos de ensino exigem uma habilidade ligeiramente diferente do professor, característica que se relaciona ao bom uso da tecnologia e personalidade de cada aluno via webcam, por exemplo. “Podemos usar a tecnologia para excluir das aulas a parte mais entediante da aprendizagem e torná-las mais divertidas e interativas. Coisas como aprender regras gramaticais, novas palavras e revisar o vocabulário passado podem tornar-se jogos online, por exemplo, deixando mais tempo para o professor trabalhar nas habilidades de conversação dos alunos durante as aulas”, lembra Nik. Para o professor Dias, o professor necessita ver o processo de ensino e aprendizagem em meios digitais como uma forma de aproximação entre o universo midiático online e a estagnação das metodologias tradicionais. Por isso, cabe enfatizar a necessidade da busca por quebra de paradigmas para trabalhar com tecnologias na sala de aula, e também requer do professor um planejamento flexível e aberto, para que possam assim despertar nos alunos

a consciência crítica de mundo. “Um curso de formação de professores precisa levar em conta as especificidades que as tecnologias comportam atualmente, tais como novas linguagens, métodos e atitudes. Nesse aspecto, há uma necessidade de que os cursos tratem as tecnologias da informação e comunicação, as chamadas TIC, como elo entre suas características e as especificidades das ações didático-pedagógicas”, lembra Dias.

Mudança, atualização, reciclagem, conectividade, adaptação. Essas são palavras que permeiam o universo didático a cada dia. Afinal, se a tecnologia alterou a vida das pessoas, as aulas também devem ser modificadas? O professor Nunes conta que uma das mudanças mais significativas é a aproximação que as tecnologias provocam no processo de ensino e aprendizagem. Questões políticas e sociais, por exemplo, têm exigido leituras diárias e atentas. “Claro que essas questões sempre foram inerentes às suas formações, mas a necessidade e o imediatismo que vivemos hoje têm provocado uma espécie de *boom* diário de informações. E por isso falamos que essa necessidade constante pelo conhecimento advém dos efeitos das tecnologias na educação”, finaliza Nunes.



ÉTICA:



A PARTILHA COMO PROPÓSITO!*



Divulgação

A ética não é apenas a zeladoria daquilo que está estabelecido, mas a construção conjunta das condições para aquilo que desejamos, porque, podendo ser, deve ser. Se pode, deve. E pode. Como sabemos que pode uma vida ser coletivamente zelada? Porque nós temos ferramentas, arsenal tecnológico, intelectual e cognitivo que já permite condições de um zelo coletivo, no qual não haja segregação seja na convivência, seja no acesso a recursos materiais. Portanto, só não temos abundância para todas e todos porque não o queremos. Isso tem até base estatística. O número de recursos

disponíveis para o conjunto da humanidade, se houvesse partilha, seria sobrando. Nós temos uma escassez de alimentos, de água, mas ela é localizada.

Construída a partilha, não haveria escassez. Dou um exemplo: quando mais jovens, muitos de nós tínhamos menos condição econômica e, ao combinarmos almoçar juntos na casa de alguém, cada pessoa fazia um prato e, na hora de ir embora para casa, depois desse almoço, um “milagre”: cada um levava de volta mais do que havia trazido. Cada um preparava uma receita – uma maionese, um macarrão, uma carne assada – e, no retorno para casa, cada um portava uma marmita com mais fartura do que quando havia chegado.

No livro com Frei Betto, antes mencionado, *Diálogos sobre a esperança*, ele faz uma análise estupenda sobre um dos grandes milagres da abundância, que é a multiplicação de pães e peixes. Existe uma percepção desse milagre, amplamente difundido, de que Jesus chama Pedro e diz que a multidão estava faminta. Só havia cinco pães e dois peixes. Frei Betto costuma lembrar que Jesus não era um taumaturgo, alguém que fazia milagres no sentido sobrenatural. O

milagre dele nessa multiplicação é de outra natureza. Jesus disse: “Entrem na multidão, vejam o que há, recolham e partilhem”. Cinco pães e dois peixes resultam numa quantidade de alimentos em que sobram 12 cestos de pães. Existe ali um conceito que não é matemático *stricto sensu*, mas ético. Há uma diferença entre divisão e repartição. Quando se reparte, há multiplicação; quando se divide, ocorre diminuição. Se Jesus tivesse mandado os discípulos dividirem os pães e os peixes, cada pessoa ficaria com uma migalha e uma escama. Mas ele mandou repartir. Do pouco que cada um tinha, formou-se uma quantidade que, partilhada, resultou em alimento suficiente para suprir a necessidade de todos.

Se hoje temos condições tecnológicas, técnicas, científicas e cognitivas para uma sociedade com abundância, não a ter é uma questão de escolha. Fazer a formação de pessoas para que consigam entender o sucesso individual, a partir da referência da abundância coletiva, é decisiva. Obviamente, não estou fazendo apologia da miséria, mas falando de partilha. Nessa concepção, a atividade de formação, seja na escola, seja na família,

seja na mídia, tem como fundamento ético não relegar a compaixão a um plano secundário. Eu não sou livre quando acaba a liberdade do outro.

Compaixão é essa percepção, que poderia ser chamada de fraternidade também. Nós estamos na mesma confraria, isto é, nós convivemos. No nosso condomínio, na nossa morada, é preciso ser justo.

Há um salmo dos cristãos e dos islâmicos, que está no Antigo Testamento judaico, que foi usado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) como lema da Campanha da Fraternidade de 1996, que é “Justiça e paz se abraçarão”. O que é justiça? É quando cada pessoa tem a partilha da produção coletiva da vida, de modo que ninguém tenha carência sem alternativa de solução. O que é paz? É a presença da justiça. Se a justiça estiver presente, a paz virá à tona. É a ideia da ética tendo a paz como horizonte. Não é a paz apenas como ausência de conflito. É a paz do espírito, a paz do dever cumprido, a paz advinda da satisfação de ter feito o bem.

Nós, educadores e educadoras, especialmente na escola, temos de ser capazes de formar crianças e jovens de modo que essa percepção da compaixão não seja apenas um discurso. Ela se dá pelo contato com a realidade. Por exemplo, algumas escolas e algumas redes deixaram de fazer algo que era relativamente frequente há 30 ou 40 anos, quando promoviam o contato com realidades cruéis. Não pelo prazer mórbido de mostrá-las, mas algumas escolas públicas e privadas organizavam visitas das crianças a uma favela, a um asilo, a um lixão. Eu conheço muitas pessoas que hoje

atuam em vários campos profissionais, da medicina à publicidade, que, por terem um dia colocado o pé no lugar da indignância, do desespero humano, desenvolveram a capacidade de se mobilizar, comovidas com o sofrimento alheio. As escolas tinham projetos sociais. Não era uma visita turística a uma favela, mas para ver, debater e até auxiliar. Os jesuítas, não por acaso, mantinham em suas escolas projetos com esse intuito. Eu mesmo participei como aluno de várias atividades dessa natureza.

Esse tipo de trabalho é um traço muito forte na cultura norte-americana, e serve também de critério para a entrada em universidades. Uma das coisas que se pede para analisar em um currículo, visto que lá não há vestibular, é observar se o candidato está engajado em algum tipo de trabalho social. Eu conheço jovens de 15, 16 anos, no Brasil, que estão usando tecnologia, aplicativos etc. em projetos sociais de apoio a desvalidos, não só para cumprir algo que os satisfaz por ajudarem outra pessoa, mas também porque aumentam o repertório de atividades, por meio do qual a chance de serem bem avaliados por uma universidade norte-americana aumenta. Dessa forma, junta-se a fome com a vontade de comer, a necessidade com a ocasião.

É impossível vivenciar uma realidade de sofrimento, de perda de condição de existência e essa experiência se apagar da mente de pessoas eticamente sadias.

Considero que haja a necessidade de as escolas retomarem em alguma medida essa prática – que não é apenas atividade de filantropia, na percepção mais arcaica de caridade,

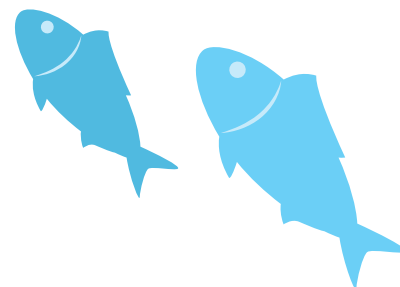
mas, sim, de caridade, na essência do que representa na expressão grega. Porque, em latim, a ideia de *caritas* ou de *caritatem* está ligada a um conceito maravilhoso, que é “ágape”.

Na percepção grega clássica, há dois conceitos para designar a ligação com a outra pessoa: eros e ágape. Eros é a relação erótica, sensual. Ágape é a relação de partilha, o amor fraterno. Por exemplo, eu mantenho com meus filhos e filhas uma relação agápica. O mesmo com amigos e amigas. Não é uma relação erótica. O amor filial é diferente do amor marital. Mas ambos são amor, isto é, são fonte de cuidado, zelo e proteção à outra pessoa. Essa relação agápica está conectada à ideia de compaixão. Qual é a energia que move a compaixão? Uma visão agápica, em que se tenha a ideia de caridade, que não é mera filantropia, na concepção de fazer bem apenas para aquele que a faz.

Fazer o bem também faz bem. Mas fazer o bem faz bem como um propósito de vida, e não apenas como circunstância momentânea.

*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S. *Educação, Convivência e Ética*. São Paulo: Cortez, 2015

**Mario Sergio Cortella é filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos* (Cortez) e *Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes* (Cortez).





MUSEU IMPERIAL: *o passado como aprendizado*

Além de bater recorde histórico de visitação, setor educacional recebeu a visita de mais de 66 mil estudantes e professores das redes pública e privada de ensino no ano passado

Quando ao assunto é o período do Império no Brasil, nada como uma visita ao Museu Imperial, em Petrópolis (RJ). Também conhecido como Palácio Imperial, o lugar possui mais de 300 mil itens e representa o principal acervo do país, sobretudo do período governado por Dom Pedro II, no chamado Segundo Reinado (1840 – 1889).

Uma das residências da família imperial brasileira, o Palácio foi construído entre 1845 e 1862, com o projeto original do major e engenheiro Júlio Frederico Koeler, depois

por Joaquim Cândido Guilhobel e José Maria Jacinto Rebelo. Em 1850 o local foi ampliado, com jardim e paisagismo, sob orientação do então jovem Dom Pedro II, em projeto executado por Jean Baptiste Binot.

Entre os inúmeros atrativos e atividades destacam-se as salas e objetos que remontam a história e representam a riqueza cultural e arquitetônica do período. Os visitantes precisam utilizar pantufas nos pés para proteger os assoalhos de mármore Carrara e madeiras nobres da construção.



A visita permite um mergulho na história e um exercício de imaginação nos mesmos locais por onde passou a Família Real. Assim, é possível visualizar a sala de jantar ou a de música, o gabinete, bem como ver o trono imperial, a coroa, o cofre, a antiga senzala e muitos outros lugares.

Com o passar do tempo, a troca do regime e a expulsão da família imperial do Brasil, deu-se um novo destino para a monumental construção. Entre os anos de 1893 e 1908, o prédio foi ocupado pelo educandário Notre Dame de Sion e, em seguida, na mesma linha da educação, o São Vicente de Paulo ocupou as instalações, entre 1909 e 1939. Até que, em 29 de março de 1940, o então presidente Getúlio Vargas assinou um decreto-lei determinando a criação do Museu Imperial.

O que encontrar?

A começar pelo jardim é possível encontrar o roteiro das caminhadas que Dom Pedro II fazia. A natureza exuberante do local ainda exhibe espécies nativas de cinco continentes, como os ciprestes, palmeiras, jaqueiras, cedros, jasmims, camélias (símbolo da campanha abolicionista) e manacás. Também destacam-se esculturas e peças comemorativas, como escultura de D. Pedro II, feita por Manuel Chaves Pinheiro, que foi doada ao museu.

Para representar esse momento da história brasileira o Museu Imperial dispõe de eventos, exposições e projetos educativos. Sua área de visitação inclui a Sala da Batalha de Campo Grande, com o famoso quadro do pintor Pedro Américo que dá nome ao espaço. Outra área de visitação é o Pátio Lourenço Luiz Lacombe, batizado em homenagem a um antigo diretor do Museu, e ainda uma locomotiva que no início do século XX subia a serra, assim como o Pavilhão das Viaturas, que ostenta exemplares dos meios de transporte do século XIX.

Atividades Educacionais

Além da riqueza do acervo em objetos, móveis, arte e utensílios, o Museu Imperial conta também com um setor de Educação. A ideia é assessorar os visitantes a conhecerem de forma ampla e crítica, sob muitos aspectos o período monárquico brasileiro, a sociedade oitocentista e a história da cidade de Petrópolis. O contato com a área de educação do museu deve ser feito pelo telefone (24) 2233-0329 ou pelo e-mail: mimp.educacao@museus.gov.br, com



Museu Imperial/Divulgação

Regina H. de Castro Resende (responsável pelo setor) ou Carolina Knibel. Agendamento de visitas com Andressa Neves, pelo telefone (24) 2233-0345, das 9h às 12h e das 12h30 às 17h30.

As atividades pedagógicas visam caracterizar o universo do século XIX, bem como compará-lo com as ideias e o modo de vida contemporâneo. Tudo começa com a observação dos objetos culturais, suas informações, contexto histórico e político em que foram criados e utilizados. Dessa forma é oferecida ao público uma metodologia dialógica que possibilita a interpretação das peças, em busca da construção de significados e sentidos sobre o acervo.

A seguir, conheça as principais atividades educacionais que o Museu Imperial desenvolve com professores e alunos:

Dom Ratão

Com a utilização de fantoches, a proposta é proporcionar uma introdução ao ambiente do museu e preparar as crianças para a visita. A peça conta a história de Dom

Ratão e a sua família, que chegam a Petrópolis para visitar o Palácio Imperial. Os roedores desvendam a forma como vivia a Família Imperial e criam um diálogo ativo e lúdico com as crianças. Ao final da apresentação os alunos são convidados a vivenciar, em cada canto do museu, as experiências dos ratinhos do teatro, com maior assimilação visual e afetiva dos objetos apresentados. A atividade é voltada a grupos de no mínimo 20 e máximo 45 alunos da educação infantil ao segundo ano do ensino fundamental.

Um verão no palácio imperial

O objetivo da atividade é mostrar para as crianças algumas das atividades que ocorriam no palácio com a Família Imperial durante o período do verão. Para tanto, o teatro de fantoches demonstra como era um dia na infância na vida das princesas Isabel e Leopoldina com Franz, o menino filho de colonos alemães que chegam para visitar a residência do Imperador. Durante o exercício são apresentados diversos objetos que sofreram transformações ao longo do tempo, como os lustres com velas, as penas usadas como caneta ou os relógios. Até Dom Pedro II surge

na história para cuidar de perto da educação das filhas. Ao término da peça as crianças percorrem o museu para identificar os objetos e espaços expostos pelos personagens. A ação ocorre com alunos da educação infantil ao segundo ano do ensino fundamental, em grupos de no mínimo 20 e máximo 45 crianças.

Caixa das descobertas

A atividade visa explorar, aguçar e experimentar os instrumentos de escrita, desde quando nasceram até os nossos dias. Uma grande caixa é aberta pelos alunos e em seu interior existem 15 caixas menores. Cada uma possui um instrumento de escrita e acessórios para serem explorados de forma lúdica, indo do carvão até os computadores. Também é feita a sistematização da brincadeira por meio de uma linha do tempo, com a trajetória histórica dos objetos. O exercício é realizado com grupos de no máximo 25 pessoas, com alunos do 5º ao 7º ano do ensino fundamental.

Chapéu

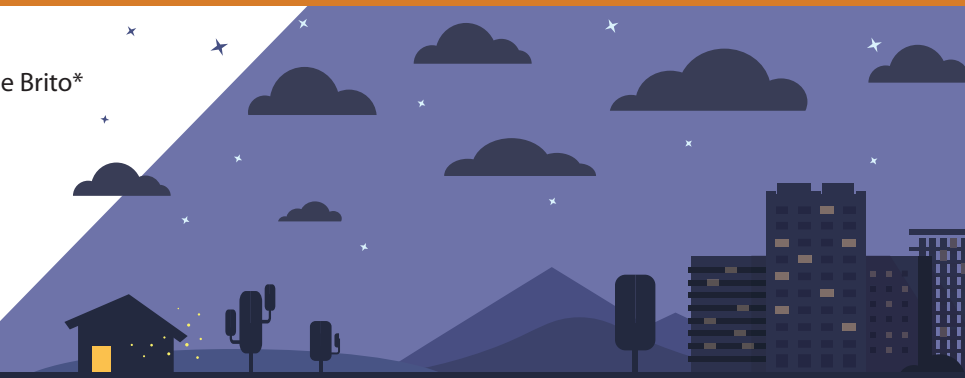
Por meio desse acessório é possível estimular e experimentar diversas épocas e costumes. Durante o exercício os alunos exploram diversas caixas que contêm chapéus femininos e masculinos, utilizados em diversas épocas. Em cada um dos utensílios existe também uma cartela com informações, passatempos e imagens de sua criação. Também há uma linha do tempo que ajuda a sistematizar as informações em ordem cronológica e contempla desde o que os homens das cavernas usavam na cabeça até os nossos atuais bonés.

Sarau imperial

Nas comparações entre passado e presente, a “princesa Isabel e seus amigos” recebem a garotada para uma reunião embalada com piano, música, modinhas, poemas e participação do público. O conteúdo da atividade reúne o figurino da época, jornais e o modo como viviam. Inclui também a participação do público, possibilitando o exercício do pensamento crítico sobre as mudanças do país e as suas influências nos dias de hoje. A atividade é realizada com estudantes a partir 5º ano do ensino fundamental ao ensino superior, inclusive alunos de EJA ou de ensino profissionalizante.



O MENINO URBANO



Divulgação

Era um menino da roça. Paradoxalmente, chamava-se Urbano. Recebera tal nome por imposição do coronel da fazenda. Ezequiel tinha a mania de obrigar seus moradores a batizar os filhos de acordo com seu gosto. Pobres moradores! Nem a liberdade de escolher o nome dos filhos tinham. Eram nomes dos mais variados: Astrogildo, Agamenon, Aristóteles, Alcibíades, Alceu. Apenas para citar cinco com a letra A. Mas havia outros tantos: Cícero, Demóstenes, Esquines, Terence, Timístocles, Timóteo...

Ezequiel primava pela educação da prole. Custeava os estudos dos filhos no Liceu da capital. E não media esforços para fazê-los passear na Europa, conhecer o mundo. Aliás, não eram poucas as vezes em que o velho se gabava em alto e bom tom: “Meus

filhos são todos doutores”. Doutores ou não, os moradores os chamavam assim. Era um dever.

Aos filhos dos moradores restavam apenas a quentura do roçado sertanejo e os nomes pomposos na certidão de nascimento. Alguns até com a grafia errada, pela dificuldade de pronúncia. O escrivão anotava do jeito que entendia. Para facilitar a vida, os pais acrescentavam um primeiro mais fácil: Antônio, José, Pedro, Severino... eram esses que diziam para o padre no dia do batismo.

Urbano não teve a sorte de um primeiro nome mais comum. Ou quem sabe teve o privilégio de dois nomes tão bonitos. Seu segundo nome era Teodoro. Urbano Teodoro. Em casa o chamavam Teozim, ou simplesmente Teo. Ele gostava tanto de estudar. E o fazia como podia. Todo dia voltava da roça correndo, feito cabrito perdido da mãe, para chegar a tempo de ir à escola. Antes passava pelo açude, ao lado de casa, e tomava aquele banho, do jeitinho que veio ao mundo.

Não perdia um dia de aula. Seus olhinhos da cor de amêndoas diziam de uma alegria de viver, de uma vontade imensa de ser. “Um dia eu vou conhecer a cidade. Devem ser bonitos os prédios, as luzes...”

Antes de aprender a ler letras de livros, Teozim já lia o céu do sertão. Nem tinha medo de escuro. Um dia encasquetou e dizia bem no seu ín-

timo: “Queria ter nascido um vagalume”. Em noites sem lua, deitava-se na calçada de cimento, olhando para céu. Parecia levitar. Sentia-se uma estrela lá em cima. Na temporada de chuva, acordava no meio da noite e sintonizava os ouvidos na cantoria dos sapos. E perguntava, admirado e calado, “onde se escondiam todos esses sapos e como se reuniam tão rápido logo na primeira chuva...”

Nas noites de lua cheia, gostava de brincar no grande terreiro da casa dos avós. O terreiro de barro vermelho era o espaço das mais telúricas brincadeiras:

Três, três passará, o derradeiro ficará...

Caí no poço. Com água onde? No pescoço...

Onde mora a bela condessa, língua de Franca, onde nasceu...

Eu sou pobre, pobre, pobre, de mavé, mavé dici...

Terezinha de Jesus, de uma queda foi ao chão, acudiram três cavaleiros, todos de chapéu na mão...

Ah, e quando Teozim aprendeu a juntar as primeiras sílabas soletrava tudo numa velocidade de causar inveja nos colegas. Mais rápido que coice de bezerro novo. O primeiro livro que leu, do começo ao fim, foi *Dom Casmurro*. Teozim se apaixonou por Capitu. Nunca mais foi o mesmo.

*Antonio Iraldo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS. iraldo@paulus.com.br



O OUTRO CENÁRIO DA ESCOLA

A educação nas áreas rurais e no campo enfrenta desafios como a falta de materiais, de recursos financeiros e baixa infraestrutura

Escola, colégio, educandário... termos que, na cidade grande, são bastante comuns. Mas, ao se afastarem dos grandes centros urbanos, nas áreas rurais e no campo, as instituições de ensino parecem ter outros significados, sobretudo para jovens e crianças que enfrentam vários desafios para frequentar as aulas.

Segundo a pedagoga Natalia Lima Macedo, as escolas rurais não se restringem à localização ou denominação. Elas são instituições voltadas para famílias e comunidades permanentes do espaço rural, e, como ficam distantes das cidades, exigem que os profissionais da educação se desloquem para trabalhar – quase sempre em condições precárias, em razão da má qualidade do transporte. Na maior parte das vezes, as escolas funcionam em espaços doados, algumas em prédios mobiliados com as sobras das escolas da cidade.

Muitas das escolas situadas na área rural atendem aos primeiros anos do ensino fundamental. Por conta disso, uma professora é responsável por ministrar as aulas para alunos de anos diferentes em um mesmo espaço físico. Essas escolas quase sempre estão vinculadas a outra, localizada na sede do município, e por isso levam o nome de “escola anexa” – sem direção, supervisão escolar exclusiva, secretaria e demais

funcionários. Também não é raro encontrar professores sem formação adequada e falta de apoio técnico e pedagógico.

Dados do Ministério da Educação coletados a partir do censo escolar da educação básica dos últimos dez anos mostram decréscimo do número de escolas e de matrículas na área rural e crescimento na área urbana. O censo escolar de 2003 registrou 103.328 escolas rurais e 7,9 milhões de matrículas. Já em 2013, foram 70.816 escolas rurais e 5,9 milhões de matrículas, ou seja, uma redução de 32.512 escolas e de 2 milhões de matrículas.

Entre os principais desafios enfrentados pelos professores da zona rural está a falta de material didático e de recursos financeiros. Segundo a professora do estado de Minas Gerais, Taiza Martins Quintão, se existissem recursos visuais e lúdicos os educadores teriam muito mais suporte para conduzir aulas com metodologias mais modernas e eficazes, o que modificaria a rotina diária de ensino.

As dificuldades não se encontram somente quando se trata das escolas: os alunos também sofrem com problemas no transporte e alimentação. No entanto, a professora Taiza afirma que nos últimos anos esse quadro tem se alterado em todo o Brasil. “Hoje as formas de acesso às escolas estão melhores do

que antes, embora ainda existam outros quesitos que deixam a desejar em várias partes do Brasil, como a falta de merenda, infraestrutura, acesso à internet etc.”, avalia Taiza.

Em suas atividades, a professora convive com duas realidades distintas, lecionando nas áreas urbanas e rurais para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental no estado de Minas Gerais. Taiza conta que, embora as dificuldades sejam adversas, é um desafio compensador, já que a maioria dos alunos tem consciência da real importância do estudo em suas vidas. Para ela isso faz grande diferença, afinal o estudo e o trabalho visam e podem até decidir o futuro das crianças.

Quando fala dos alunos, a professora conta que a maioria busca adquirir mais conhecimentos, pois essa é a forma que encontram para vencer na vida. Além disso, muitos querem traçar um destino diferente daquele que seus pais tiveram, com planos de terminar seus estudos na zona rural e dar continuidade a eles na cidade, cursando uma faculdade ou prestando algum tipo de concurso.

O que os estudantes pensam também é levado em conta, uma vez que a metodologia de educação nas escolas rurais é feita de acordo com o perfil dos alunos. Para tanto são observadas as suas características que, em seguida, são adaptadas especialmente em um contexto no qual a comunidade escolar possa estar inserida.

Escola rural X escola urbana

A diferença entre a escola rural e a urbana é a estrutura, uma vez que a instituição rural sempre padece de falta de laboratórios, internet, materiais pedagógicos, bibliotecas e outras coisas.

Com relação ao nível de aproveitamento dos estudantes, a educadora Taiza diz que, como em qualquer instituição, as escolas do campo contam com alunos participativos, criativos e comprometidos – é claro, com algumas dificuldades e defasagens no aprendizado, mas que, em geral, estão melhorando sua participação e notas nas provas externas realizadas pelo governo.

Outra questão importante a ser debatida é a participação efetiva das famílias rurais em reuniões, ações e eventos. Elas são consideradas parte integrante da escola e zelam sempre para que tudo esteja sempre ao alcance de todos.

Buscando incrementar os sistemas de ensino rural e a formação do professor, foram criadas as licenciaturas em

educação do campo, com o objetivo inicial de formar os professores leigos para atuação. As primeiras turmas tiveram início em 2005 em Minas Gerais, com a parceria de universidades-piloto e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Essa formação se destaca por alguns motivos, entre eles: há uma centralidade em pensar os sujeitos do campo; o campo é considerado um espaço de produção, sobretudo familiar e contrário ao latifúndio; encara-se o camponês como protagonista da sua própria história, e existe incentivo para que ele atue como professor nas comunidades de origem.

Segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (MEC/CNE, 2003, p. 3) no Brasil, pode-se dizer que o processo de industrialização, o aumento do êxodo rural e o medo de que as cidades recebessem um número maior de pessoas do que poderiam suportar deflagrou políticas de incentivo para a “fixação das pessoas no campo”. Com isso, escolas foram criadas. Porém, a educação rural foi mencionada na Constituição Brasileira pela primeira vez na história do país somente em 1934. E ainda há muito o que ser feito nessa área.

*Colaboraram os professores:

Noemi Campos Freitas Vieira, mestre e doutora em Letras, na área de Teoria da Literatura. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Diamantina, MG. Vândiner Ribeiro, pedagoga, mestre e doutora em educação. Professora no curso de Licenciatura em Educação do Campo e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFVJM).

Kátia Cunha, graduada em Letras e Especialista em Educação Inclusiva e Especial. Professora e vice-diretora da Escola Estadual Padre João Afonso, na Comunidade de Padre João Afonso, distrito de Itamarandiba, MG.



Três tempos nos estudos da **COMUNICAÇÃO** no Brasil



O autor José Marques de Melo, ganhador do Prêmio Jabuti 2013, traz a público mais uma obra de envergadura, fruto de sua longa trajetória como pesquisador: *Teoria e metodologia da comunicação – Tendências do século XXI*. Valendo-se de um percurso histórico, ele apresenta a complexidade da formação do campo comunicacional brasileiro ao expor as bases teóricas e metodológicas que o têm fundamentado.

Organizada em cinco partes, a obra leva a compreender por que “resta pouca dúvida de que o Brasil representa um dos mais amplos e mais desenvolvidos âmbitos acadêmicos dos estudos de comunicação do mundo”, como afirma o brasilianista norte-americano Emile McAnany (p. 11).

Ns primeira parte, Panorama Teórico, as ciências da comunicação são apresentadas como um movediço campo em expansão. Sobre a volátil natureza de seu objeto – as ações comunicacionais dos seres humanos – ainda não há

consenso. Enfrenta-se atualmente um impasse histórico, em que se deve decidir entre permanecer no patamar do século XX, com raízes no pensamento social do século XIX, ou se direcionar ao século XXI, vislumbrando suas demandas complexas para estabelecer sintonia com o porvir. Essa inadiável reviravolta teleológica implica mudanças radicais na agenda investigativa, desafio para o qual a obra visa contribuir.

As ciências da comunicação são também abordadas como um saber aplicado, legitimado socialmente pela sua inserção na estrutura acadêmica. Os principais momentos de sua evolução são indicados, traçando-se uma cartografia nacional e internacional que mapeia sua abundância historiográfica, enfatizando as matrizes brasileiras.

Na segunda parte, o Caleidoscópio Metodológico dos estudos comunicacionais é apresentado. Apesar da dificuldade de se estabelecerem marcos cronológicos, advinda da miríade de interações simbólicas entre pessoas, insti-

tuições e comunidades, o delineamento de aspectos relevantes, tais como empirismo, experimentalismo, digitalismo, desenvolvimentismo e ambientalismo, faz-se indispensável para guiar o itinerário das novas gerações.

A terceira parte volta-se para o Mosaico Sistêmico que moldou os estudos nacionais. Parte-se do pensamento uspiano para abordar tanto ideias que abalaram tal pensamento hegemônico como as ousadias que nutriram o pensamento alternativo no universo acadêmico.

Ressaltando a ascensão feminina no âmbito comunicacional, Marques de Melo destaca intelectuais proeminentes no cenário internacional. No Brasil, esse tempo de matriarcas é ainda mais significativo. As mulheres são maioria no corpo discente das faculdades de comunicação social e no mercado de trabalho comunicacional, bem como entre os pesquisadores reconhecidos academicamente, o que levou à eleição das sete Valquírias Midiáticas, mulheres líderes de opinião

e formadoras de clãs intelectuais capazes de dar continuidade a seus projetos cognitivos; são elas: Adisia Sá, Anamaria Fadul, Cremilda Medina, Lucia Santaella, Maria Immacolata Lopes, Sonia Virgínia Moreira e Zelia Leal Adghirni.

Também é abordado o conhecimento oriundo da geografia das comunicações: questões regionais na complexa sociedade globalizada, cidadania e utopia na presente idade mídia, na qual a mídia é hegemônica e a comunicação se desenvolve em múltiplas redes, suscitando questões como vigilância cidadã, relações entre a comunicação e a educação e seu consequente peso na configuração das sociedades democráticas, bem como a exclusão comunicacional de grandes contingentes da população brasileira.

A quarta parte explora as Variáveis Emblemáticas do campo no Brasil, sempre sob o acurado prisma historiográfico. São abordados a herança de Karl Marx, a repercussão das ideias de Marshall McLuhan, a influência teórica de Otto Groth e o pensamento latino-americano de Jorge Fernandez.

Em nível nacional, são examinadas a pedagogia freireana, proposta como um dialogismo conscientizador voltado a eliminar as barreiras comunicacionais do mutismo congênito e da inexistência democrática do povo brasileiro através de uma educação libertária, e a folkcomunicação beltriana, interdisciplina que por motivos sociais e políticos só ganhou maior difusão a partir de 1998, e que hoje está sendo revitalizada. Os caminhos cruzados de Paulo Freire e Luiz Beltrão são trilhados pelo autor, que traça as coincidências biográficas e teóricas de ambos, assim como as divergências estratégicas de seus pensamentos, ressaltando seu enraiza-

mento comum no direito de comunicar assegurado ao cidadão pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, direito que pressupõe o direito de informação e o direito de cognição que só uma educação de qualidade garante.

Na última parte, Indicadores Paradigmáticos, o professor Marques de Melo registra o surgimento do campo acadêmico e social da comunicação, além de resgatar seu próprio itinerário midiático. O reconhecimento desse campo, ao mesmo tempo empresarial, profissional e universitário, se consolidaria somente a partir de 1960.



Jovem área de conhecimento, a comunicação ainda luta pela sua inclusão no universo científico, travando “verdadeiras batalhas para existir, progredir e subsistir dentro do campus” e nas agências de fomento acadêmico (p. 454).

Já o campo social da comunicação brasileiro se evidenciou organicamente na década de 1970, cujo marco decisivo foi o Congresso Nacional de Comunicação (1971), quando, pela primeira vez, os diversos setores de uma área então fragmentada se reuniram para debater

ideias e ao final do qual se demandou a constituição de uma política nacional de comunicação no Brasil.

Mais recentemente, esse campo demonstra sinais de maturidade, cenário em que se destaca o papel de vanguarda da comunidade brasileira. Caminha-se “para a criação de uma comunidade internacional capaz de fincar a bandeira ibero-americana no espaço mundial das ciências da comunicação” (p. 466), fiel ao espírito da universalidade dentro da diversidade, buscando a multipolaridade cultural e o rompimento da dependência histórica de modelos forâneos através do intercâmbio científico internacional de nossas experiências investigativas. Espera-se que o acúmulo, o processamento e a socialização de conhecimentos levem à compreensão crítica dos fenômenos socioculturais e permitam a geração de novas ideias no país, fortalecendo o sistema democrático.

Teoria e metodologia da comunicação – Tendências do século XXI constitui uma obra de fôlego, riquíssima contribuição para a História das Ciências da Comunicação, indispensável aos estudos teóricos e metodológicos que buscam compreender em profundidade os fenômenos comunicacionais no Brasil e que, ao registrar o passado, evidencia os alicerces em que se funda o presente, abrindo o debate sobre os objetivos, desafios e tendências investigativas a moldar o futuro de um campo de conhecimento em contínuo aperfeiçoamento.

Isabel Jungk é mestre em Comunicação e Semiótica e especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é pesquisadora de doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e professora de pós-graduação *lato sensu* na mesma universidade, tendo publicado diversos artigos nessas áreas de interesse.

BIBLIOTECA

APLICADA ao ensino

Quando recebi o convite para fazer parte da Rede de Escolas Visão senti uma grande vontade de crescer, aprender e, acima de tudo, dividir um pouquinho da vivência que acumulei no decorrer dos anos de dedicação como bibliotecária escolar. Sinto-me lisonjeada em dizer que durante minha trajetória em outras instituições de ensino as dificuldades encontradas foram superadas, não só por meu encanto com a profissão, mas especialmente por causa de todas as crianças, adolescentes e pais que tive o privilégio de conhecer. Hoje posso dizer que sou apaixonada pelo que faço e que trago comigo a certeza de ter marcado a vida de muitas pessoas, plantando nelas pequenas sementinhas do saber. Quem sou eu? Bibliotecária do Colégio Visão – Unidade de Coqueiros e coordenadora das bibliotecas da Rede de Escolas Visão.

O Projeto Biblioteca na Grade Curricular, que disponibilizo a todos da comunidade escolar Unidade Coqueiros, em Florianópolis/SC, apresenta subsídios que pretendem contribuir para o desenvolvimento do aluno com a leitura. Acredito na importância da presença da biblioteca no cotidiano escolar dos alunos, motivando-os a frequentar semanalmente esse local e despertando neles o interesse pela leitura, para que essa prática se transforme em um momento de satisfação e prazer. Os projetos e atividades desenvolvidos têm o intuito de transformar o espaço literário em um ambiente agradável, prazeroso e contagiante. Além disso, o acesso à literatura e o hábito da leitura são essenciais para a formação intelectual do aluno.

A ideia de trabalhar o livro *Um caso muito sujo*, de Shirley Souza, publicado pela PAULUS Editora, partiu da proposta de receber a visita da autora para uma conversa e, posteriormente, uma

sessão de autógrafos. Poder conhecer quem escreve as histórias que lemos é maravilhoso, e com certeza os alunos levarão essa experiência para a vida toda. Ouvir e trocar ideias com alguém que jamais imaginamos ser possível conhecer é algo salutar.

Quando perguntei a alguns profissionais: “Quantos escritores vocês tiveram a oportunidade de conhecer enquanto crianças/adolescentes?”, todos eles me responderam: “Nenhum”. Acredito que, como bibliotecários escolares, temos de pensar nisso, afinal simples atitudes e projetos podem despertar no aluno a curiosidade e o prazer por leituras variadas, desmentindo o senso-comum que diz que os alunos só leem por obrigação.

O livro *Um caso muito sujo* prende a atenção do leitor, principalmente porque o próprio leitor é quem desenvolve o percurso da história, escolhendo o caminho a ser per-



Divulgação

corrido. O projeto foi desenvolvido com as turmas do 4º ano, da professora regente Debbie, do 5º ano, da professora regente Luzia, e do 6º ano, do Fundamental II, com o professor João Paulo, de Língua Portuguesa. Primeiramente, despertei a curiosidade dos alunos mostrando a capa do livro, e eles puderam expressar o que esperavam encontrar no decorrer da história. Mal sabiam que seriam eles próprios que conduziram a narrativa, que seria lida em conjunto. Foram entregues a eles as Anotações e Reflexões do Detetive da história e, quando necessário, os alunos podiam escrever no bloquinho informações que acreditassem ser relevantes para se descobrir o grande mistério do livro.

“Livros são os mais silenciosos e contagiantes amigos, os mais acessíveis e sábios conselheiros e os mais pacientes professores.”

Charles W. Elliot

Em muitos momentos, pausávamos a leitura para compartilhar algum acontecimento na história, e, em outros, os alunos se sentiam muito irritados com o Detetive Paçoca por tratar os leitores como seus estagiários. Parávamos para pensar e decidir em conjunto o que nos levava a tomar determinada decisão, se poderíamos seguir por outro caminho, ou ainda se alguém gostaria de finalizar o livro antes de realmente saber o fim que deveria ser tomado. Mesmo “irritados” com a escritora e com o personagem principal, as crianças resolviam continuar na história. As maiores aventuras aconteciam quando os enigmas eram projetados num quadro, para que todos os alunos pudessem resolvê-los em conjunto. O mais admirável foi que muitos alunos mal conseguiam permanecer sentados: eles se levantavam ou iam até o quadro e, com uma caneta, solucionavam os enigmas, fazendo anotações na própria mensagem.

Não poderia deixar de mencionar a experiência que as turmas dos 2ºs anos, das professoras Francine e Simone, e do 3º ano, da professora Fernanda e auxiliar Joane, tiveram, principalmente a última. Consciente da importância do trabalho do bibliotecário escolar e do conteúdo que propomos aos alunos, não pude deixar essas turmas de fora do projeto, que deveria alcançar o maior número de estudantes da nossa comunidade escolar. Por isso, sugeri trabalharmos com o livro *Pula que pula*. É uma obra divertida, que, por meio de adivinhações, nos permite imaginar,



refletir e até nos confunde, mas, no final, traz informações importantes. Alguns alunos choraram de emoção ao saber que iriam conhecer a autora do livro.

Fomos ao laboratório de informática pesquisar sobre a escritora e nos preparar para recebê-la. No entanto, como o 3º ano estava estudando sobre órgãos públicos e privados, aproveitamos para levar a turma para conhecer a Biblioteca Pública de Florianópolis, onde tivemos a honra de conhecer mais alguns livros e histórias da autora. As histórias foram interpretadas pelas contadoras de história da Academia Brasileira de Contadores e, depois, realizamos uma visita guiada para conhecer os setores da biblioteca. Em seguida, fomos conhecer a Livraria PAULUS, que faz parte de um órgão privado. Nos sentimos muito acolhidos e participamos de um projeto que a livraria promove, chamado “Uma visita muito especial”, em que assistimos a um vídeo que mostra como os livros são produzidos.

A visita da autora em nossa biblioteca não poderia ter sido melhor para finalizarmos nosso projeto com todas as turmas envolvidas: um bate-papo descontraído e muitas perguntas feitas pelos curiosos de plantão. Diversos relatos maravilhosos sobre a trajetória de vida e de carreira da escritora e sonhos despertados por alguns que diziam “também escrever livros”. E, para deixar os alunos com desejo de “quero mais”, os alunos puderam conhecer outros títulos da autora e adquiri-los. A sessão de autógrafos foi nosso ponto final para o momento, mas não para as próximas leituras dinâmicas.

*Suellen Santos de Araújo é bibliotecária da Unidade de Coqueiros e coordenadora das bibliotecas da Rede de Escolas Visão/CRB 14-1162.
A Rede de Escolas Visão conta com cinco unidades:
Unidades Campinas, Pedra Branca e Kobrasol, localizadas na cidade de São José/SC;
Unidade Coqueiros, localizada na cidade de Florianópolis/SC;
Unidade Blumenau, localizada na cidade de Blumenau/SC.



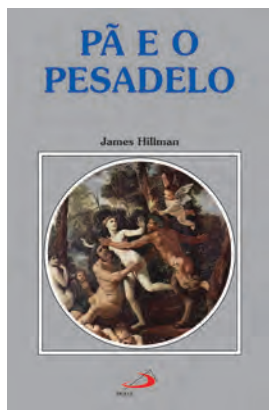
Contos de Andersen

Hans Christian Andersen
Ilustrações: Veruschka Guerra

“A sereiazinha”, “O patinho feio”, “O rouxinol do imperador da China”, “A pequena vendedora de fósforos”, “A Rainha da Neve”... Esta edição reúne alguns dos mais belos e aclamados contos de Hans Christian Andersen, ilustrados com talento e sensibilidade por Veruschka Guerra.

Caprichada, a edição colorida apresenta capa dura e formato diferenciado, com tradução de Virgínia Kúster Puppi e Alexandre Carvalho.

Formato: 20,5 cm x 27,5 cm **Páginas:** 176



Pã e o pesadelo

James Hillman

Os *insights* do autor apresentam a figura arquetípica nas profundezas da natureza e a psicologia arquetípica como método de revelação. O livro também inclui uma tradução completa de *Efialtes*, o magistral tratado mítico-patológico que Wilhelm Heinrich Roscher escreveu no século XIX a respeito de Pã e os demônios da noite. *Pã e pesadelo* apresenta o estudo mais radical já feito sobre esse deus. A obra também traz o grande Pã de volta à

vida, a partir do famoso dito de Carl Gustav Jung de que “os deuses se tornaram nossas enfermidades”.

Formato: 13 cm x 20 cm **Páginas:** 236

Não soluce, solucione

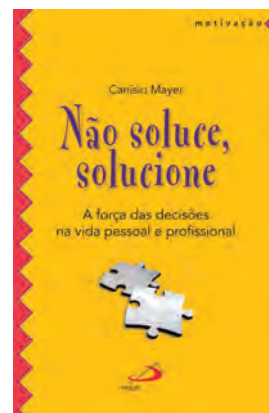
A força das decisões na vida pessoal e profissional

Canísio Mayer

A obra reflete sobre o poder de decisão e aponta, de forma pedagógica, várias formas de se decidir pelo que é bom e justo. O texto parte do pressuposto de que não existe atitude neutra na vida e que não é possível viver com sentido sem estar constantemente decidindo. Com esse enfoque, o livro é perpassado por uma trilogia importante: lança um olhar sobre a realidade

interna e externa de cada indivíduo, busca entender melhor o que é a liberdade, refletindo suas características e manifestações e, por fim, aponta as possibilidades e oportunidades que a vida oferece.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 208



Kósmos Noetés

A Arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce

Ivo A. Ibrí

O livro é de autoria de Ivo Ibrí, professor da PUC/SP, renomado internacionalmente e referência por seus estudos, trabalhos e livros sobre o americano Charles Sanders Peirce (1839-1914).

Enquanto a reputação filosófica de Peirce continua a ascender à proeminência de primeira linha na história da filosofia americana, *Kósmos Noéticos* atinge o âmago do sistema arquitetônico peirciano das categorias fenomenológicas, metafísicas e semióticas que, heurísticamente, caracterizam nosso mundo como “um universo perfundido com signos”.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 196





Diário de um bravo (ou *bullying*: como me safei dele, mesmo sem braveza!)

Flávia Savary
Ilustrações: Fernando Tangi

A história é contada pelo próprio José Bravo, em uma narrativa atemporal, que vai, volta e envereda por outros caminhos, assim como a vida. A autora utiliza cores diferentes no texto para explicar detalhes, e até letras de música traduzidas acompanham o enredo, que poderia ser o mesmo da vida de qualquer jovem leitor. A partir de sua trajetória, descrita no livro em formato de diário, José Bravo conta suas expectativas, fala de sua paixão adolescente e desabafa sobre seus problemas – como o fato de parecer praticamente invisível para os outros, sobretudo para as meninas da escola.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 48



O homem de barbas brancas

João Pedro Roriz

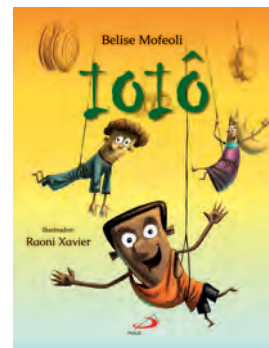
O livro é uma aventura pela Grécia Antiga com a história de Sócrates, contada sob a ótica de um de seus jovens admiradores. A obra também relata que há muito tempo um homem resolveu medir forças com o destino. Seu nome era Sócrates, e seus ensinamentos o tornaram um dos filósofos mais importantes da História, do período clássico até a atualidade. Por

isso, ainda hoje são debatidas as suas contribuições no campo da filosofia e da ética. Aclamado pelo público jovem, o autor utiliza uma linguagem ágil e cativante, envolvendo o leitor em discussões existenciais e filosóficas.

Formato: 14 cm x 21 cm **Páginas:** 88

loiô

Belise Mofeoli
Ilustrações: Raoni Xavier



O livro se desenvolve por meio da narrativa de uma das crianças do orfanato. A história caminha entre as lembranças de parentes, amigos e das coisas que ocorrem no lugar. O menino órfão conta a angústia que sente toda vez que se repete um evento comum no abrigo: o casal adota uma criança, se arrepende e desiste da adoção. O livro reflete uma triste realidade brasileira: o Cadastro Nacional de Adoção registra, desde 2008, 130 casos de crianças que foram adotadas e, depois, devolvidas.

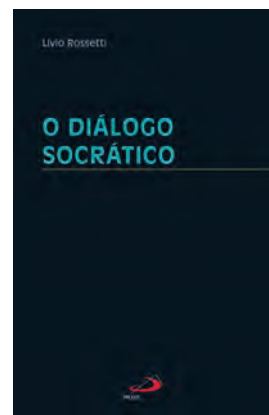
Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 96

O diálogo socrático

Livio Rossetti

O livro explora o tópico Sócrates, somado ao diálogo socrático, tema que o autor considera um laboratório aberto. O autor inventou uma nova chave de leitura ao apontar que os diálogos platônicos se desenvolvem em dois níveis. Para isso, outra retórica é acrescentada à retórica do discurso manifesto, denominada por Rossetti como macrorretórica. O objetivo é o de esclarecer melhor a atmosfera na qual um diálogo imerge, um ambiente que o envolve para lhe dar outros sentidos que escapam aos preconceitos comuns.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 312



TEMPOS MODERNOS...



Divulgação

Parece que agora a moda é acabar relacionamentos afetivos pelo celular. Basta uma mensagem, às vezes em letras maiúsculas: FIM.

O que será que está acontecendo?

Bem, dirão alguns, é melhor acabar assim do que ficar enrolando a outra pessoa. Pode ser. Mas será que o ritmo acelerado da vida moderna, a ansiedade para experimentar novas sensações e a obsessão pela novidade não estariam contaminando também as relações afetivas?

Parece que há uma espécie de repugnância por tudo o que possa significar compromisso ou investimento em longo prazo. Todos querem uma satisfação instantânea. Qualquer sentimento de um vínculo mais profundo ou de cumplicidade é visto como uma ameaça à individualidade, consi-

derado uma espécie de invasão de privacidade. Por isso, ao primeiro sinal de que os desejos ou expectativas não estão sendo atendidos, logo se pensa em terminar. E é tão simples, basta enviar a mensagem pelo celular e apaga-se uma história, um nome, um rosto... Como se o outro fosse apenas uma imagem na tela.

Será que as novas tecnologias de comunicação estão mudando as formas de relacionamento ou elas apenas facilitam aquilo que muita gente sempre quis fazer? Por que parece haver tanto medo de um encontro cara a cara? Usamos as pessoas e as trocamos como fazemos com os celulares e aplicativos? Deletamos lembranças e confidências como fazemos com as fotos que ficaram desinteressantes?

Na telinha do celular, os rostos das pessoas se transformam numa espécie de vitrine de loja. Estou enjoado dessa aqui, agora vou experimentar esta outra ou quem sabe aquela lá, que parece mais interessante... Basta um toque na tela e fazemos a substituição. Pronto.

Num mundo em que tudo é provisório e nada parece sólido, há uma espécie de prazer em se livrar das coisas, em “esvaziar a lixeira”, em passar a limpo a agenda, em mudar de tela... As pessoas viraram coisas, com prazos de validade cada vez mais curtos.

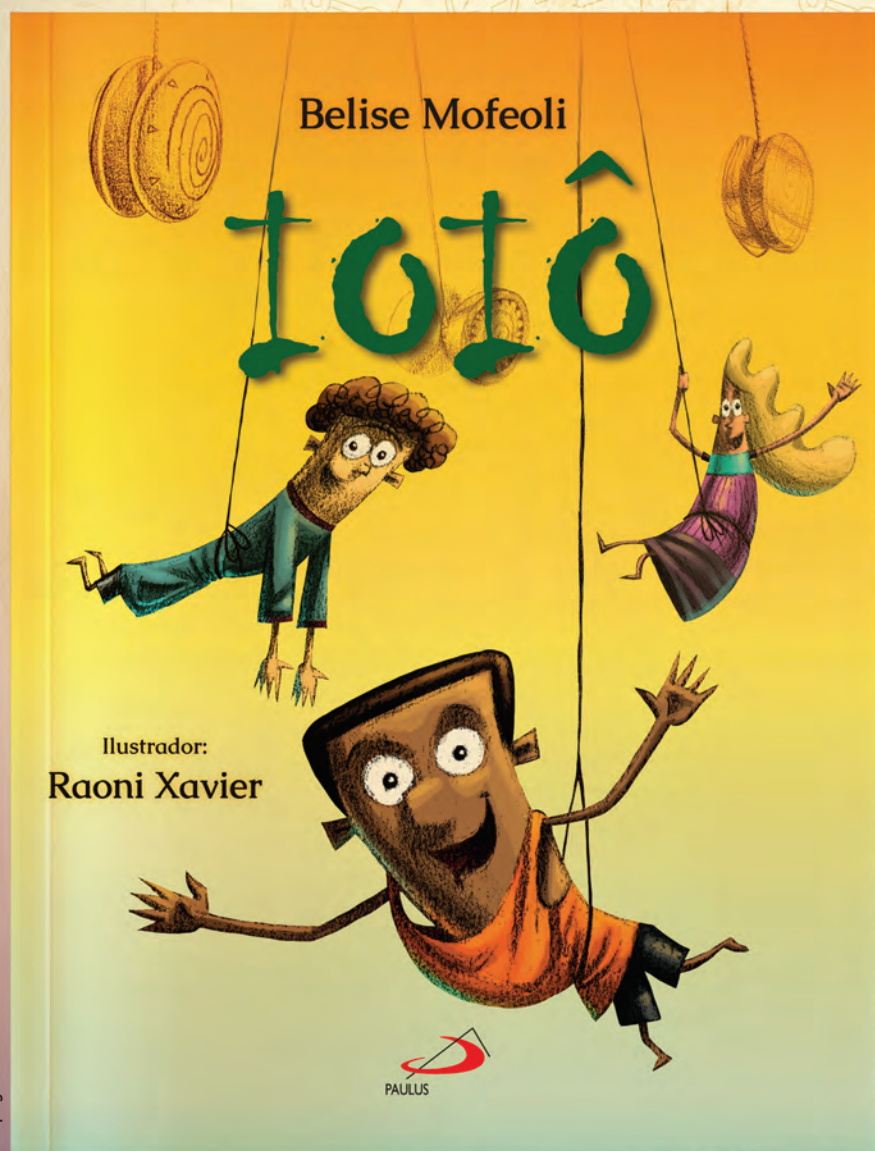
Será que essa nova forma de encarar um relacionamento traz, de

fato, a tão desejada satisfação ou felicidade? Esse é um assunto que merece entrar na sala de aula, por mais incômodo que seja. Conversar sobre relacionamentos humanos, discutir valores, conhecer o passado e compará-lo com o presente, estudar como isso é representado na literatura, no cinema — eis aí uma boa proposta para a escola ajudar o aluno a crescer como pessoa. Não podemos fingir que nada disso está acontecendo. Afinal, como diziam os antigos, a escola deve preparar para a vida, não apenas para os exames de fim de ano. ✓✓

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br



Disseram que agora ele encontrou
uma família... mas será, mesmo?



Ioio

Belise Mofeoli
Ilustrações de Raoni Xavier

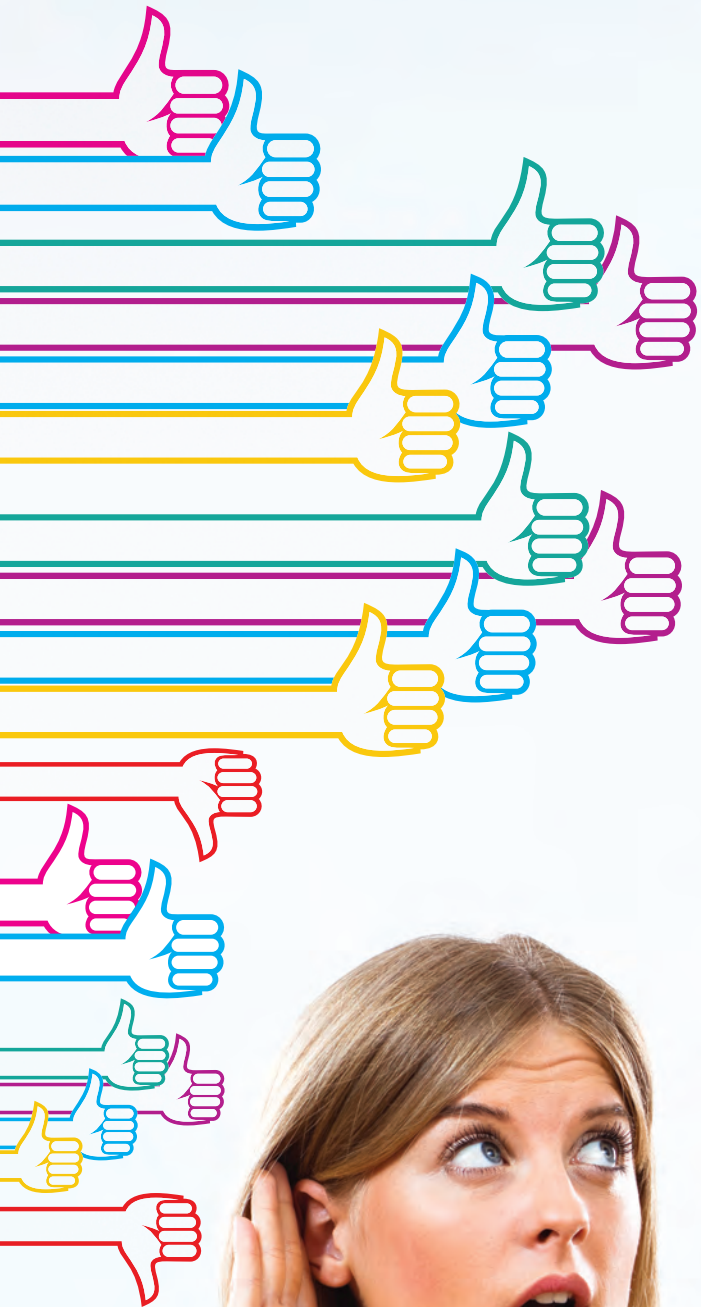
Em *Ioio*, um garoto órfão narra suas memórias, desejos e esperanças enquanto espera por uma nova família. Inspirada pela tristeza que sentiu ao descobrir, ainda pequena, que diversas crianças eram adotadas e, depois, devolvidas aos abrigos, Belise Mofeoli dá voz a um personagem da vida real – muitas vezes, invisível – e nos ensina uma lição importante: “Criança não é ioio. Ioio é de plástico e não tem coração. Órfãos têm. Geralmente, partidos”.

96 páginas

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS



Queremos ouvir você

Caro leitor,

A equipe da revista **Páginas Abertas** está sempre empenhada em oferecer a você o melhor conteúdo. Por isso, pedimos que nos ajude a manter a qualidade das publicações respondendo brevemente a nossa pesquisa.

Para participar, basta acessar o site:

paulus.com.br/pesquisa

A sua colaboração é muito importante.



PAULUS,
dá gosto de ler!

